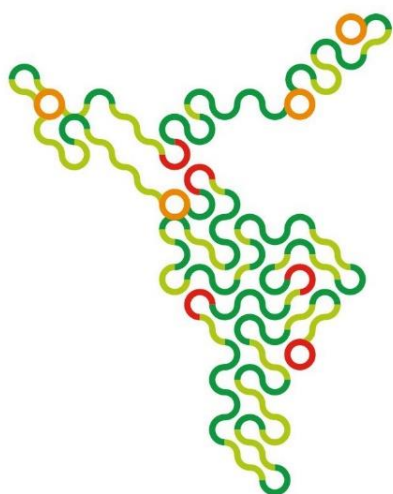




ANAIS DO EVENTO



III CONGRESSO
IBERO-AMERICANO
DE HUMANIDADES,
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:
**Produção e democratização
do conhecimento na
Ibero-América**

22 a 25 de maio de 2018

 Apoio:



 Realização:

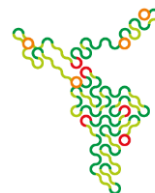


PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica





Universidade do Extremo Sul Catarinense
III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e
Educação
Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América



EDUCAÇÃO, MÍDIA E IDENTIDADE



TRABALHOS

REDES SOCIAIS NA ESCOLA DO CAMPO À LUZ DE BAUMAN E DA MODERNIDADE LÍQUIDA: PERCURSOS E FRONTEIRAS	3
Maria Fatima Menegazzo Nicodem; Giordana Menegazzo da Silva; Lucas Eduardo Menegazzo Nicodem	
A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE E DA PATERNIDADE NAS IMAGENS DA REVISTA CRESCER	30
Cláudia Nandi Formentin	
PRÁTICAS IDENTITÁRIAS NO JORNAL ESCOLAR: A PRODUÇÃO DE TEXTO NO ENSINO FUNDAMENTAL	39
Vanessa Wendhausen Lima	
O JORNALISMO ONLINE COMO FORMADOR DA MEMÓRIA LOCAL	50
Marli Paulina Vitali	
COMUNICAÇÃO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO E FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DE ELITES NO MARANHÃO	61
Ingrid Pereira de Assis	



REDES SOCIAIS NA ESCOLA DO CAMPO À LUZ DE BAUMAN E DA MODERNIDADE LÍQUIDA: PERCURSOS E FRONTEIRAS

Maria Fatima Menegazzo Nicodem¹
Giordana Menegazzo da Silva²
Lucas Eduardo Menegazzo Nicodem³

Resumo: Originado na pesquisa de pós-doutoramento «Muito além da calmaria: o ensino no campo, a modernidade líquida e as tecnologias contemporâneas de informação e comunicação» este trabalho tem como objeto as tecnologias da informação e da comunicação em seu uso didático numa instituição educacional do campo, a utilização da Internet permeada pelas redes sociais como estratégias de ensino impulsionadoras da aprendizagem. Teve como objetivo principal investigar o uso didático dessas tecnologias, propondo-lhes a compreensão enquanto campo do conhecimento, mecanismos contemporâneos de transpor fronteiras, cujo espaço é teorizado pelos estudos culturais. Como respaldo teórico buscou-se saber sobre o uso dessas tecnologias contemporâneas como geradoras de um espaço de conhecimento configurado pelos estudos culturais e dimensionado pela «modernidade líquida» (conceituada por Bauman, 1999). Conclui-se, ao final desses estudos, a inexistência de obstáculos para o uso de tecnologias contemporâneas da informação e da comunicação na escola do campo, tanto quanto na escola urbana.

Palavras-Chave: Redes Sociais; Escola do Campo; Modernidade Líquida; Ensino; Bauman.

SOCIAL NETWORKS IN COUNTRY SCHOOLS ACCORDING TO BAUMAN AND THE LIQUID MODERNITY: ROUTES AND BORDERS

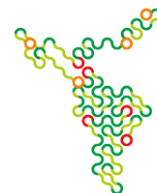
Astract: Originating from the postdoctoral research «Beyond the lull: education in the country, liquid modernity and contemporary technologies of information and communication» this study has as object the information and communication technologies in its didactic use, in an educational institution in the country, the use of Internet permeated by social networks as teaching strategies that drive learning. Its main objective was to investigate the didactic use of these technologies, proposing to them the understanding as a field of knowledge, contemporary mechanisms to cross borders, which space is theorized by cultural studies. As theoretical support, we sought to know about the use of these contemporary technologies as generators of a knowledge space configured by cultural studies and dimensioned by «liquid modernity» (conceptualized by Bauman, 1999). We concluded at the end of these studies, that there are no obstacles to the use of contemporary information and communication technologies in rural schools, as well as in urban schools.

Keywords: Social networks; Country School; Liquid Modernity; Teaching; Bauman.

¹ UTFPR, Medianeira-PR, Brasil.

² UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon-PR, Brasil.

³ UNIP, São Paulo-SP, Brasil.



Redes sociais, escola do campo e fronteiras: primeiros diálogos

Este trabalho se origina da pesquisa de pós-doutoramento da autora sob o título «Muito além da calmaria: o ensino no campo, a modernidade líquida e as tecnologias contemporâneas de informação e comunicação» e se baseia no foco observador da pesquisadora em suas andanças geográficas por várias instituições de ensino como docente formadora de professores, avaliando o exercício preparatório docente de alunos em preparação para a docência, especialmente da observação dos fazeres pedagógicos presentes em escolas do campo, no contato com os instrumentos da contemporaneidade, mormente a Internet, em seu caráter de tecnologia contemporânea da informação e da comunicação.

O objeto da pesquisa – as tecnologias contemporâneas da informação e da comunicação – foi pensado, em primeiro lugar, para investigar, observar, sentir e analisar como professores/as de uma instituição educacional do campo utilizam essas tecnologias representadas pela Internet que se deixa permear pelas redes sociais como estratégias de ensino instigadoras da aprendizagem de seus alunos, voltadas para os conteúdos de suas disciplinas.

Propôs-se com a pesquisa desenvolvida, a responder os seguintes objetivos: investigar o uso didático das tecnologias contemporâneas da informação e da comunicação em uma escola do campo, propondo a compreensão destas tecnologias enquanto campo do conhecimento, mecanismos contemporâneos de transpor fronteiras, cujo espaço é teorizado pelos estudos culturais; identificar, inventariar e analisar o uso didático das citadas tecnologias nos processos de ensino nessa escola do campo; dialogar sobre e compreender o uso dessas tecnologias contemporâneas enquanto instrumentos e/ou estratégias de ensino na escola do campo, como geradoras de um espaço de conhecimento configurado pelos estudos culturais e dimensionado pela «modernidade líquida» (conceituada por Bauman, 1999); enfocar essa «modernidade líquida» e a «vida líquida moderna», discorrendo sobre elas em seu caráter de instrumentos inalienáveis e indispensáveis da contemporaneidade; explicar e apresentar essas tecnologias em sua constituição de artefatos da cultura e em seu papel de possíveis mediadoras dos processos de ensino; e, por final, destacar e relatar resultados que apontam percursos de produção de sentido para o conhecimento permeado por esses



objetos da cultura, quais sejam: a Internet, pela qual fluem as redes sociais e os blogs; afirmar, ainda, ao final dos presentes estudos, a inexistência de obstáculos para o uso de tecnologias contemporâneas da informação e da comunicação na escola do campo, tanto quanto na escola urbana.

No momento em que os estudos apontam para a escola do campo que se constituiu no locus da pesquisa aqui narrada, local em que, de forma avassaladora se dá conta da diluição das fronteiras com o espaço urbano, a discussão da *práxis* das tecnologias da informação e da comunicação, no interior da sala de aula ganha novas nuances. Isto significa dizer que o/a aluno/a da escola do campo é um leigo no uso das tecnologias? Ora, na contemporaneidade já não é mais possível se afirmar o desconhecimento das tecnologias pelos atores presentes na escola do campo, porque se entende que a diferença se encontra somente no endereço: uma escola se situa no espaço urbano a outra no campo e, na contemporaneidade, com acesso irrestrito às mesmas tecnologias, aos mesmos saberes, às mesmas posturas didáticas e ao mesmo nível de recepção. As fronteiras não se apresentam mais que nuances que historicizam os processos de esmaecimento das mesmas.

Sob este aspecto, as tecnologias já posicionadas entre os artefatos culturais da contemporaneidade, funcionam como objetos mediadores entre ensino e aprendizagem e apagadores de divisas.

O referencial teórico que constitui o presente relatório de pesquisa de estágio pós doutoral é proveniente dos Estudos Culturais e da vasta bibliografia de Zygmunt Bauman que circunda estudos e conceitos a respeito da vida e da modernidade líquidas, bem como da globalização, seus efeitos e transposição de fronteiras.

A investigação também destaca percursos de produção de sentidos para o conhecimento permeado pelas tecnologias contemporâneas da informação e da comunicação enquanto objetos da cultura. Assim, a Internet – mormente permeada pelas redes sociais – se constitui em base da pesquisa, gerando, por meio de um inquérito (questionário) com dez questões destinadas aos professores da escola do campo eleita, os dados primordiais analisados e discutidos nesta pesquisa, e, por conseguinte, os resultados delineados e apresentados na conclusão.

Cabe pontuar que neste trabalho analisam-se a terceira e quarta questões, à luz dos ecos teóricos existentes no lastro bibliográfico já aqui proposto.



Eleita a escola estadual do campo para a presente pesquisa, por meio da contribuição e expectativas de seus/suas professores/as, elaborou-se um Projeto de Extensão com certificação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, instituição à qual se vincula profissionalmente a pesquisadora. O Projeto em questão, denominado «Tecnologias contemporâneas da informação e da comunicação nos processos de ensino na escola do campo» foi desenvolvido na forma de Oficinas, promovendo assuntos como «redes sociais nos processos de ensino e aprendizagem em sala de aula», intimamente relacionados ao tema da pesquisa.

Ainda que contemporaneamente, usar Internet – mais especificamente por meio das redes sociais – no ambiente educacional e para as práticas de ensino das diversas disciplinas da educação básica, ainda pode ser considerada atitude não-canônica. Apesar da pós-modernidade ter-se «abancado» na sociedade contemporânea, sob os mais diversos aspectos, de forma irreversível, a sala de aula tem andado a passos lentos, apresentando-se ainda distante das possibilidades didáticas possíveis e atuais como postagens em redes sociais em seu potencial pedagógico de parcialmente substituir o livro didático; e com estas mesmas redes sociais, por seu amplo poder de multiplicação de informações e de conhecimento.

Com as possibilidades didáticas presentes nas redes sociais é perceptível o motivo primordial da construção da hipótese desta pesquisa, qual seja, que na contemporaneidade já não é mais possível se afirmar o desconhecimento das tecnologias para a escola do campo, porque a diferença se encontra somente no endereço: uma escola se situa no terreno urbano e a outra no campo, com acesso às mesmas tecnologias, aos mesmos saberes, às mesmas posturas didáticas e o mesmo nível de recepção.

A pesquisa foi realizada em 2016 no Colégio Estadual do Campo Maralúcia, Município de Medianeira, Estado Paraná, Brasil, por meio da realização de oficinas temáticas ministradas a Professores/as com aplicação do inquérito de relativa complexidade e semiestruturado a professores/as da citada instituição, recolheram-se os dados necessários.

A opção metodológica foi da pesquisa-ação, proposta que tem a premissa de que

fazer pesquisa-ação significa planejar, observar, agir e refletir de maneira mais consciente, mais sistemática e mais rigorosa o que fazemos na nossa experiência diária. Em geral, duas ideias definem um bom trabalho de pesquisa: - que se possa reivindicar que a metodologia utilizada esta adequada à situação, e – que se possa garantir de certa forma um acréscimo no conhecimento que existe sobre o assunto tratado. (RICHARDSON, 2010, p.68)



Nicodem (2013) aponta em sua pesquisa de doutorado o ponto de vista de Richardson (2010) sobre esta metodologia de pesquisa. Para este autor isso pode ser um bom ponto de partida para a pesquisa-ação, uma vez que, como o próprio nome dá indícios, a pesquisa-ação visa a produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa).

Feitas as considerações metodológicas, retoma-se a introdução do trabalho, pontuando que a escola se apresenta cada vez mais mergulhada na cultura midiática. As tecnologias que propiciam a velocidade das idas e vindas da informação e da comunicação são realidade em todos os locais.

A sala de aula é o locus por excelência no qual as tecnologias contemporâneas ganham força didática pela intervenção docente. Aborda-se a inclusão digital, mas é preciso identificar a qual inclusão digital se faz referência. Entende-se essa inclusão não puramente pelo acesso, mas por quais caminhos ela chega e o que o conhecimento que vem por meio dela proporciona ao aluno.

«A cultura primeira do aluno é, desde já, uma cultura midiática, por força da sociedade em que vive» (Gadotti, 2005:23). O papel da escola, à luz deste contexto, seria fazer com que alunos – quer sejam crianças, quer sejam jovens ou adultos – pudessem passar dessa cultura primeira à cultura elaborada. Sob este aspecto, este processo se constitui dialético, no qual uma não exclui a outra e sim, uma propicia a agregação de elementos à outra. Este movimento lhe concede completude. A cultura primeira é a que se adquire antes ou fora da escola, pela autoformação, não metódica e não sistemática, afirma Gadotti (2005).

Ao se focalizar a escola do campo que ora se constitui no locus que acolhe a presente pesquisa, a discussão da *práxis* das mídias tecnológicas da informação e da comunicação, no interior da sala de aula, ganha ainda novas nuances. Isto significa que o aluno da escola do campo é um leigo no uso das tecnologias? Na contemporaneidade já não é mais possível se afirmar o desconhecimento das tecnologias para a escola do campo, porque a diferença se encontra somente no endereço: uma escola se situa na cidade e a outra no campo, com acesso às mesmas tecnologias, aos mesmos saberes, às mesmas posturas didáticas e o mesmo nível de recepção.

De Modernidade Líquida, Redes Sociais e quebra de fronteiras



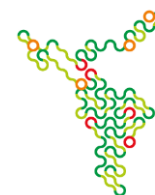
Protagoniza-se uma contemporaneidade povoada por fenômenos velozes nunca dantes vivenciados. As civilizações que nos antecederam tiveram tempo de degustar, deglutir e assimilar os fenômenos de seu tempo, de sua época e de sua cultura (ou de suas culturas) em movimentos lentos o suficiente para lhes permitir sentir saudades, repetir ações nos mesmos moldes e exemplificar às gerações seguintes o sucesso das ações do tempo em que as gerações mais antigas viviam. Não se rompiam fronteiras, nem barreiras com tamanha facilidade com que se o faz na contemporaneidade. Sob este aspecto, considera-se que

As pressões voltadas à perfuração e à quebra de fronteiras, comumente chamadas de «globalização», fizeram seu trabalho; com poucas exceções, que estão desaparecendo rapidamente. Todas as sociedades são agora total e verdadeiramente abertas, seja material ou intelectualmente. Junte os dois tipos de «abertura» – a intelectual e a material – e verá por que toda injúria, privação relativa ou indolência planejada em qualquer lugar é coroada pelo insulto da injustiça: o sentimento de que o mal foi feito, um mal que exige ser reparado, mas que, em primeiro lugar, obriga as vítimas a vingarem seus infortúnios... (BAUMANN, 2007, p.12)

Sob a égide da imersão do mundo contemporâneo nas culturas – sim, «culturas» no plural – e no momento em que os estudos apontam para a escola do campo que se constituiu no locus da pesquisa da qual elegemos os dados da primeira questão para análise e discussão, os diálogos sobre a práxis das tecnologias da informação e da comunicação, no interior da sala de aula, ganham novas nuances. Isto significa dizer que o/a aluno/a da escola do campo é um leigo no uso das tecnologias? Ora, na contemporaneidade já não é mais possível se afirmar o desconhecimento das tecnologias pelos atores presentes na escola do campo, porque se entende que a diferença se encontra somente no endereço: uma escola se situa na cidade a outra no campo e, na contemporaneidade, com acesso irrestrito às mesmas tecnologias, aos mesmos saberes, às mesmas posturas didáticas e ao mesmo nível de recepção.

Sob este aspecto, as tecnologias situadas em meio aos artefatos culturais da contemporaneidade, funcionam como objetos mediadores entre ensino e aprendizagem.

Significa que se está imerso na ausência de fronteiras e, portanto, rompe-se o antigo paradigma que focalizava uma «elite cultural». A contemporaneidade estabelece uma quebra da «hierarquia cultural» ou mesmo a eliminação desta nos moldes como era concebida sob o foco dos antigos signos. Desta forma, concebe-se estes antigos signos como



frequência regular a óperas e concertos; entusiasmo, em qualquer momento dado, por aquilo que é visto como «grande arte»; hábito de torcer o nariz para «tudo que é comum, como uma canção popular ou um programa de TV voltado para o grande público». Isto não significa que não se possam encontrar pessoas consideradas (até por elas mesmas) integrantes da elite cultural, amantes da verdadeira arte, mais informadas que seus pares nem tão incultos assim quanto ao significado de cultura, quanto àquilo em que ela consiste (...) no que é desejável ou indesejável – para um homem ou mulher de cultura. (BAUMANN, 2013, p.7)

Os novos percursos de produção de sentido para cultura e os novos conceitos que a desconstroem e reconstroem, perpassando-se da vida e da modernidade líquidas, invadem a escola, ainda locus por excelência, do saber sistematizado, trazendo para dentro dos fazeres e saberes educacionais as tecnologias contemporâneas da informação e da comunicação enquanto objetos da cultura.

Desta forma, a Internet, permeada pela redes sociais, que ora se estuda e sobre a qual se dialoga, utilizadas como estratégias de ensino no interior dos procedimentos didáticos da escola do campo, podem ser, por si sós, consideradas símbolos dessa contemporaneidade que no momento se estende como uma densa nuvem sobre as sociedades como um todo, de forma quase universal – em maior ou menor grau – de forma benéfica ou até nefasta, em certos aspectos, como por exemplo àqueles que dizem respeito à privacidade (ou à falta dela) em dados contextos.

A despeito da lentidão com que os fenômenos eram vivenciados nas civilizações que nos antecederam, a civilização contemporânea vive fenômenos culturais que aparecem e se diluem, se liquefazem com uma velocidade sem precedentes, com uma fluidez até certo ponto assustadora. E esse fantasma da velocidade – uma vez transposto para o interior da escola – se constitui num fenômeno assustador, angustiante também, uma vez que muitos professores e professoras menos avisados ou aos quais não foi dado o tempo necessário para incorporar, paradoxalmente, a velocidade imposta pela globalização, entram mesmo em pânico e no temor de «não dar conta» disto ou daquilo, de não vencer conteúdos, de não ser tão competente quanto o momento o exige, de não preparar adequadamente seu aluno para as exigências contemporâneas.

Em não raros casos, este conjunto de temores leva professores e professoras a psiquiatras e psicólogos – profissionais tão desavisados quanto o/a professor/a sobre as síndromes contemporâneas, tão despreparados quanto os primeiros. O que dirão eles aos primeiros? Dar-lhes-ão pílulas que diminuem a loucura e a ansiedade? Sim, mas elas – a loucura e a ansiedade – não são



integralmente internas ao ser humano. São provindas em parte dos fenômenos externos que montam e desmontam paradigmas numa velocidade assustadora e, com essa mesma velocidade, colocam os seres humanos numa mimesis que até eles próprios desconhecem viver.

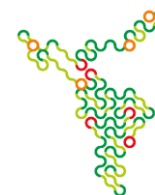
O «grau de abertura» da sociedade aberta ganhou um novo brilho, jamais imaginado por Karl Popper, que cunhou o termo. Tal como antes, o termo se refere a uma sociedade que admite francamente sua própria incompletude, e, portanto, é ansiosa em atender suas próprias possibilidades ainda não-intuídas, muito menos exploradas. Mas significa, além disso, uma sociedade impotente, como nunc antes, em decidir o próprio curso com algum grau de certeza e em proteger o itinerário escolhido, uma vez selecionado. (BAUMANN, 2007, p.13)

Posta, ainda que de forma velada, a presença da ansiedade na escola e na civilização da contemporaneidade, cabe abordar as redes visíveis e invisíveis que compõem o cotidiano dessa instituição. Ainda que contemporaneamente, usar Internet pela qual passam as redes sociais no ambiente educacional e para as práticas de ensino das diversas disciplinas da educação básica, ainda pode ser considerada atitude meramente alternativa, tamanha a falta de tempo que os educadores tiveram de internalizá-la e incorporá-la a suas ações didáticas.

Apesar da pós-modernidade ter-se instalado na sociedade contemporânea, sob os mais diversos aspectos, de forma irreversível, a sala de aula tem andado a passos lentos – especialmente pela velocidade sobre a qual discurremos até o momento.

Por estes aspectos, apresenta-se ainda distante das possibilidades didáticas possíveis e atuais como os blogs, por exemplo, em seu potencial pedagógico poderiam substituir o livro didático; como as redes sociais, com seu amplo poder de multiplicação de informações e de conhecimento, podem agregar-se às ações e relações que permeiam a sala de aula e «brincam» de entrar e sair da escola, entrar e sair do campo, entrar e sair da cidade. Já não há fronteiras. E se aparecem, são tão tênues que sequer são percebidas.

Com somente estas duas possibilidades didáticas – os blogs e as redes sociais – é perceptível o motivo primordial da pesquisa, qual seja: «Na contemporaneidade já não é mais possível se afirmar o desconhecimento das tecnologias para a escola do campo, porque a diferença se encontra somente no endereço: uma escola se situa na cidade e a outra no campo, com acesso às mesmas tecnologias, aos mesmos saberes, às mesmas posturas didáticas e o mesmo nível de recepção».



A escola se apresenta cada vez mais mergulhada na cultura midiática. As tecnologias que propiciam a velocidade das idas e vindas da informação e da comunicação são realidade em todos os locais. A sala de aula é o locus por excelência no qual as tecnologias contemporâneas ganham força didática pela intervenção docente.

Aborda-se a inclusão digital, mas é preciso identificar a qual inclusão digital se faz referência. Entende-se essa inclusão não puramente pelo acesso, mas por quais caminhos ela chega e o que o conhecimento que vem por meio dela proporciona ao aluno.

Ao se apontar para a escola do campo que ora se constitui no locus pesquisado, a discussão da práxis das mídias tecnológicas da informação e da comunicação, no interior da sala de aula, ganha ainda novas nuances. Isto significa que o aluno da escola do campo é um leigo no uso das tecnologias?

Na contemporaneidade já não é mais possível se afirmar o desconhecimento das tecnologias para a escola do campo, porque a diferença se encontra somente no endereço: uma escola se situa no espaço geográfico urbano e a outra no espaço geográfico do campo, com acesso às mesmas tecnologias, aos mesmos saberes, às mesmas posturas didáticas e a níveis parecidos de recepção.

Discussões, alternativas, ânsias e ponderações: fronteiras diluídas e redes sociais

Esta seção, ao apresentar os resultados questão a questão, os discute deixando-os permearem-se por Bauman, especialmente pelas reflexões que averbam ao contexto a Modernidade Líquida e seus fenômenos. A análise é realizada pela ordem em que as questões aparecem no questionário, de forma progressiva e relacionando – quando o caso – uma questão à outra ou até uma alternativa à outra.

Antes da análise e discussão dos dados, mostra-se o perfil dos/as professores/as que aceitaram participar da pesquisa. O Quadro 1 apresenta a faixa etária dos mesmos.

Faixa Etária	Quantidade de Professores/as nesta faixa
21 a 30 anos	3
31 a 40 anos	7
41 a 50 anos	6
Mais de 50 anos	3



Quadro 1. – Faixa Etária dos/as Professores/as participantes da pesquisa.

Tempo de docência	Quantidade de Professores/as nesta condição
Até 10 anos	9
11 a 15 anos	3
16 a 20 anos	1
Mais de 20 anos	6

Quadro 2 – Tempo de docência

Cada uma das duas questões analisadas são apresentadas nos quadros seguintes e os dados respectivos estudados à luz dos estudos teóricos; as mesmas – por si só – demandam estudos e considerações dadas as diferentes quantificações.

Questão 1: O papel do professor antes do advento das tecnologias contemporâneas

A terceira questão do questionário assim se enuncia: «Quanto ao papel daquele professor que atuava em sala de aula antes do advento das mídias e tecnologias que se utilizam hoje nos processos de ensino e de aprendizagem» o Quadro 31 apresenta os dados que são analisados na sequência.

Alternativa	0	1	2	3	4	5
a) Era considerado detentor exclusivo do conhecimento e, por isso, usava sua autoridade de conhecedor único para o exercício do poder em algum nível.	3		2	6	2	6
b) Exercia um papel de caçador de conteúdos encerrados em enciclopédias para, sistematizados no quadro de giz, fazer o repasse aos alunos.	2	1	1	6	3	6
c) Era um transmissor, um multiplicador de conteúdos que se perpetuavam no tempo, cristalizados e ensinados sempre da mesma forma.	2	1	6	1	3	6
d) O de promover uma formação puramente moral e intelectual, lapidando o aluno para a convivência social, tendo como pressuposto a conservação da sociedade em seu estado atual (status quo)		1	2	6	2	8
e) Tinha como foco apenas a cultura, sendo os problemas sociais resguardados apenas à própria sociedade.	1		2	6	6	4
f) Não tinha presente a consideração sobre os conhecimentos prévios do aluno, apenas o que se apresentava no currículo era transmitido, sem interferências ou 'perdas de tempo'.	2		2	4	4	7

Quadro 3 – Respostas dos Professores/as às alternativas da Questão nº 03

Para a alternativa «a» sobre o pensamento dos/as professores ao enunciado da questão que reflete sobre o papel daquele professor que atuava em sala de aula antes do advento das mídias e tecnologias das quais se utilizam hoje nos processos de ensino e de aprendizagem, ao responderem a

¹ **Legenda para compreensão dos Quadros 3 e 4:**

0 = Nada representativo/a

2 = Baixa representatividade

4 = Representativo/a

1 = Levemente representativo/a

3 = Regular representatividade

5 = Muito representativo/a

Fonte: Questionário elaborado por NICODEM (2016).



alternativa em questão – que o professor «Era considerado detentor exclusivo do conhecimento e, por isso, usava sua autoridade de conhecedor único para o exercício do poder em algum nível», dos 19 professores/as participantes da pesquisa, há uma diversidade de pensamento a respeito, sendo que 03 (15,8%) deles aponta que esta alternativa nada representa no contexto do pensamento dos professores que já atuavam em sala de aula; 14 (73,7%) se encontram nas faixas que veem esta forma de pensar como regularmente representativa, representativa e muito representativa.

Há que se entender, seguindo Orofino (2005), que estes processos se iniciam a partir da mediação individual que se efetiva nas trocas pessoais e intersubjetivas.

(...) a escola já é um local de mediações. Só que, de fato, a escola subestima esta condição e deixa este papel social relegado ao espontaneísmo do dia-a-dia, sem potencializar sua condição de mediadora e sem assumir a responsabilidade sobre isto. (...) Várias escolas já adotam iniciativas de uso dos meios no contexto pedagógico e para que isto aconteça, não existem fórmulas e receitas prontas. O que é necessário, isto sim, é a abertura e vontade política de experimentar e também de correr os eventuais riscos que se revelem ao longo dos processos de criação de novos caminhos. (OROFINO, 2005, p.65-66).

A alternativa remete, desta forma, a uma análise sobre a construção da identidade docente ante a cultura que se arremessa ao centro da escola, protagonizando o que Bauman (2013) compreende como «multiculturalismo» ao qual concebe como a resposta mais frequente das classes instruídas e influentes quando se pergunta que valores cultivar e que direção seguir em nossa era de incerteza. O autor eleva essa resposta ao status de cânone e, além disso, a transforma em um axioma que não exige fundamentação nem prova.

A alternativa «b» à questão do papel do professor antes das mídias e que o apresenta como um possível professor que exercia um papel de caçador de conteúdos encerrados em enciclopédias para, sistematizados no quadro de giz, fazer o repasse aos alunos, 15 (77,9%) desses/as professores/as pontuam suas respostas entre considerar esta questão como regularmente representativa, representativa e muito representativa. Isto significa que, de alguma forma, veem o professor pré-midiático como refém das enciclopédias, de conteúdos clássicos e limitados.

Era um/a professor/a à mercê de uma «monolinguagem» – aquela única presente nas bibliotecas e com as quais (e minguadas) deveria fazer malabarismos para fazer veicular os conhecimentos até seu aluno. Em tempos de multimídias, «linguagens híbridas, textos, imagens e



sons» (Orofino, 2005:67), todos andando juntos dentro da sala de aula, considera-se o pensamento de Moran (1993) para quem

a escola desvaloriza a imagem e toma as linguagens audiovisuais como negativas para o conhecimento. Ignora a televisão, o vídeo; exige somente o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico. (...) Não se trata de opor os meios de comunicação, mas de integrá-los, de aproximá-los para a educação seja um processo completo, rico, estimulante. (MORAN, 1993, p.3)

Na mesma perspectiva deste autor, (Orofino, 2005) propõe que há três códigos de significação presentes na mídia e, no caso da questão em análise – nas redes sociais: texto, imagem e som. Afirma que estamos tão acostumados com a linguagem televisual que se torna comum compreendê-la como um conjunto de construções «naturais», que obedecem a determinados padrões de «normalidade» discursiva. É necessário estar atentos para a diferença entre aquilo que é «normal» e aquilo que é hegemônico, dominante.

No que se refere à alternativa «c» de que o professor que atuava anteriormente às tecnologias contemporâneas era um transmissor, um multiplicador de conteúdos que se perpetuavam no tempo, cristalizados e ensinados sempre da mesma forma.

Dos/as professores/as que responderam à pesquisa, 6 (31,6%) veem baixa representatividade nesta afirmação, enquanto 9 (47,3%) veem como regularmente representativa, representativa e muito representativa. Há uma expressiva variação nas opiniões colhidas sobre esta alternativa. Esta oscilação representa uma escola ante os desafios da contemporaneidade. O que era no passado e o que é no presente essa escola?

Aquino (2012) afirma que perscrutar analiticamente a atualidade educacional e, por conseguinte, a multiplicidade de sentidos que a caracteriza, constitui um empreendimento pontilhado de riscos. E assevera ainda que

o maior desses riscos é de ceder à tentação, de todo ilusória, de descrever o presente com tintas naturalistas, esquecendo-se que os fenômenos aí presentes têm origem e destinação inexoravelmente incertas, bem como de que a faculdade de divisar o imprevisto que a época nos oferece dá-se, na maioria das vezes, apenas por meio de enquadres interpretativos saturados. (AQUINO, 2012, p.137)

Ao mesmo tempo que os/as professores/as participantes da pesquisa afirmam categoricamente que os conteúdos pré tecnologias eram perpetuados no tempo sempre pela mesma cartilha,



cristalizados, congelados e ensinados com a mesma metodologia, também se interpõem – eles/elas mesmos/as, professores/as, no presente – tendo participado desse passado em que se viam em meio a este congelamento de conteúdos e metodologias, transpostos para o presente com as múltiplas possibilidades e oportunidades que lhes são oferecidas na escola da contemporaneidade, independente ser esta da cidade ou do campo.

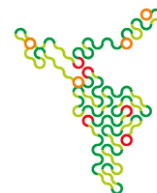
Segundo Aquino (2012), se, por um lado, as paredes translúcidas que delimitam o campo de visão do observador externo não permitem apreciar o fato de que, para aquelas existências ali encerradas, as águas do tempo são sempre turvas, conquanto escassas e, por isso, gélidas, por outro lado, essas mesmas paredes não conseguem evitar que alguns saltem suicidamente para fora desse cenário e se sujeitem a concebê-lo em sua insólita, artificial e melancólica exuberância.

Aponta ele que a contemporaneidade significa angariar uma distância estratégica em relação ao passado e mesmo ao presente – especialmente afastar-se da aparente luminosidade dos discursos da moda, acolhendo a porção de sombra que lhe é imanente, de modo a ser capaz de operar pequenas rachaduras, discretos curtos circuitos e perceber o presente sem tantos choques em relação ao passado.

Sobre a alternativa «d» que vê o professor do passado com o papel de promover uma formação puramente moral e intelectual, lapidando o aluno para a convivência social, tendo como pressuposto a conservação da sociedade em seu estado atual (status quo), 16 (84,2%) acreditam nesta afirmação, tendo apontado a mesma como regularmente representativa, representativa e muito representativa.

Se, por um lado, observa-se esta expressiva quantidade de respostas que formulam uma ideia de um professor do passado, «portador de viseiras», busca-se em Bauman (2013) que não se deve presumir que o valor de uma proposição depende de quem a formulou, com base na sua experiência, nem que se tem o monopólio da descoberta da melhor solução. Isso não significa, aponta este autor, que é necessário aceitar todas as proposições como igualmente válidas e dignas de escolha.

De forma inevitável, algumas serão melhores que outras. Significa apenas que admitimos nossa inaptidão para dar opiniões absolutas ou formular sentenças definitivas. Concordamos que a utilidade e o valor verdadeiros de proposições concorrentes só podem ser estabelecidas no curso de um multidialógo, no qual todas as vozes sejam admitidas e em que todas as comparações e justaposições possíveis sejam feitas de boa-fé e com boas intenções. (BAUMAN, 2013, p.59).



Se aquele professor anterior às tecnologias contemporâneas tinha os movimentos limitados no tocante à própria ação docente, também se considera com Bauman (2013) o reconhecimento da diferença cultural, para a finalidade deste argumento, é o início, e não o fim da questão. Concebe-se neste contexto comparativo entre passado e presente se constitua em um processo político, quiçá, útil e até benéfico – num processo que vale à pena empreender.

A alternativa «e» que contempla o professor que atuava anteriormente às tecnologias da atualidade, – como aquele que tinha como foco apenas a cultura, sendo os problemas sociais resguardados apenas à própria sociedade – tem em Orofino (2005) o aporte quando se faz a análise de políticas de significação e ideologias:

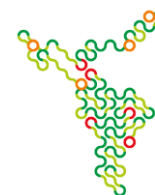
Esta autora afirma que diante das várias correntes teórico-metodológicas que se ‘debruçaram’ sobre este assunto, destaca-se também a contribuição dos estudos culturais ingleses e a importância que o conceito de ideologia recebe em suas teorizações.

Teorias da ideologia, mesmo que difiram entre si, aceitam como básico a capacidade da sociedade de criar e sustentar uma forma de cultura dominante e de auto interesse, gerando apresentações e imagens, ideias e valores, que disfarçam as realidades da existência social. (HALL, 1994, p.88).

Isto seria equivalente ao pensamento de Bauman (2007, p.93) para quem a tendência em direção a uma comunidade da semelhança é um sinal de retração não puramente no que diz respeito à alteridade externa, mas também em relação ao compromisso com a interação interna que, segundo ele é animada, mas turbulenta, revigorante, mas incômoda. A atração de uma comunidade da mesmice é a de «uma apólice de seguro contra os riscos que povoam a vida diária num mundo polivocal».

Por final, a imersão nessa mesmice não diminui e nem afasta, aponta Bauman (2013), os riscos que a incitaram. Como todo paliativo, pode no máximo prometer um refúgio em relação a alguns de seus efeitos mais imediatos e temidos.

Ao analisar como os/as professores/as pontuaram a alternativa «f» e como sentem um possível professor anterior às tecnologias como aquele que «não tinha presente a consideração sobre os conhecimentos prévios do aluno, apenas o que se apresentava no currículo era transmitido, sem interferências ou perdas de tempo» 15 (78,9%) deles/as compreendem que sim, que certamente esse professor, em boa parte de suas atitudes, agia de forma meramente focada em cumprir o conteúdo.



Sousa (2016) indica que se voltarmos os olhos para o passado, na busca de um sentido profundo que a profissão docente encerra, percebe-se que a figura do professor foi ganhando, ao longo dos tempos, atribuições diversas, por vezes, antagônicas, raramente compreendidas pelo docente. Eis o que se apresenta nas nuances dessa alternativa.

Em quadros temporais mais fechados, a sua missão manteve-se sobretudo centrada no domínio do conteúdo, geralmente pouco acessível à generalidade da população. Poucos eram os eleitos a quem ele, sábio-expert, fazia o favor de conceder a matéria, como se de uma dádiva se tratasse, para, por sua vez, esses mesmos eleitos a devolverem o mais fiel e exatamente possível. Os exercícios de reprodução e repetição, com forte apelo à memorização, e que à primeira vista nos parecem inócuos, trazem, no entanto, consigo, uma concepção de um mundo organizado de determinada forma, onde as verdades são eternas e absolutas. (SOUSA, 2016, p.1)

Isto significa que, antes da avalanche tecnológica que se derramou no interior da escola, o professor vivia uma espécie de terror ou angústia em dar conta de conteúdos emanados de enciclopédias, bibliotecas físicas e livros didáticos. O que se percebe (mas deixaremos esta discussão para outra oportunidade) é que este terror ou angústia alterou sua origem, encontrando-se, na contemporaneidade, no excesso de conteúdos advindos, especialmente, da web. Gera uma espécie de contramão entre o que era e o que se tornou.

De tempos sólidos, nos quais havia a segurança enciclopédica que transformava o professor no detentor do conhecimento, a tempos líquidos, nos quais o professor se transformou – ou deveria ter se transformado – no mediador entre o conhecimento e o aluno, por meio da sistematização didática.

Bauman (2007) traz a reflexão por um viés que apresenta o mundo sem medos, o mundo perfeito e o mundo líquido – a propósito, cabem bem na reflexão que ora se delineaia.

Quando sir Thomas More desenhou a sua planta de um mundo livre das ameaças imprevisíveis, o imprevisto e a experimentação, cheios de riscos e erros, estavam se tornando rapidamente a ordem do dia. Sir Thomas sabia muito bem que, tanto quanto um projeto para o estabelecimento de uma vida boa, seu plano de um mundo limpo da insegurança e dos medos sem fundamento era apenas um sonho: ele chamou sua concepção de «utopia», referindo-se ao mesmo tempo a duas palavras gregas: eutopia, ou seja, «lugar bom», e outopia, que significa «em lugar nenhum». (BAUMAN, 2007, p.100)

Sob este aspecto é possível apresentar-se o professor do passado, cujas didáticas previam tudo com segurança, sem sustos, sem atropelos e sem medos, ao passo que o do presente vive aos



sobressaltos e, em muitos casos, devido às mazelas da própria formação, está lá um professor vivendo de sobressaltos e procurando provar ou outorgar sua autoridade pela força de argumentos nem sempre honestos. Liquidez, para Bauman (2007), «tempos líquidos».

Quadro 1: O papel do professor após o advento das tecnologias contemporâneas

A questão apresenta o seguinte enunciado: «Quanto ao papel daquele professor que atua em sala de aula após o advento das mídias e tecnologias contemporâneas». O Quadro 4 apresenta os dados que são analisados na sequência.

Alternativa	0	1	2	3	4	5
a) Tem o papel de educador associado a uma sequência de responsabilidades, entre elas a de ser mediador do conhecimento formal.	1	1		1	4	12
b) Alguns elementos passam a ser básicos para o educador pós-moderno. Um deles é a curiosidade. Percebendo o mundo e o pensamento como inacabados o homem deve estar sempre em busca das respostas para suas perguntas. (Livia Chamusca, 2011)			2	1	5	11
c) O educador assume o papel de pesquisador e incorpora a criticidade. A sociedade contemporânea exige que o professor assuma uma posição crítica dentro da sociedade, ou seja, venha a perceber-se como elemento constituinte desta e responsável pela sua mudança para melhor. (Livia Chamusca, 2011)			1	1	6	11
d) A criatividade é um dos fatores que permeia o trabalho do professor contemporâneo. Por meio desta característica, desenvolve seu potencial inventivo, sugerindo atividades dinâmicas, motivando seus alunos a participarem dos trabalhos propostos, usando as tecnologias contemporâneas da informação e comunicação.				3	6	10
e) O professor contemporâneo tem humildade suficiente para admitir os seus erros e procurar consertá-los ao longo do caminho, mudando a sua prática para melhor. Se o professor se coloca sempre como o dono da verdade, não lhe é possível seguir em busca da mudança.				5	5	9
f) O professor da atualidade deve estar envolvido com seu aluno no âmbito social, uma vez que cada sujeito vem da sociedade e volta para ela. Desta forma, tem o compromisso de educa-lo para reconhecer a própria importância como sujeito e protagonista da história individual e coletiva e sua importância na transformação do mundo.				1	5	13

Quadro 4 – Respostas dos Professores/as às alternativas da Questão nº 04

Apresentada a tabela com a quantificação das respostas dadas à questão, passa-se à análise:

Para a alternativa «a» da questão «quanto ao papel daquele professor que atua em sala de aula após o advento das mídias e tecnologias contemporâneas, este professor tem o papel de educador associado a uma sequência de responsabilidades, entre elas a de ser mediador do conhecimento formal», 17 (89,5%) pontua a alternativa como regularmente representativa, representativa e muito representativa, o que traduz que os/as professores/as participantes da pesquisa se identificam com este professor mediador presente nos anais da contemporaneidade.



As fronteiras já não são tão intensamente marcadas e, quando existem, aparecem com nuances que confundem dois ou mais mundos, ou campos de conhecimento, ou formas de arte, ou formas de ensinar, ou formas de aprender, ou, ou, ou...

Ainda não está nada claro se apenas as fronteiras específicas, até hoje reconhecidas e consagradas, são as vítimas destacadas do atual levante semiótico; ou se a turbulência de agora pressagia uma revisão total dos padrões de práxis do passado. (...) Se essa chance de materializar a cultura humana assistirá a uma revolução jamais vista no passado, de vez que o único aspecto dela até agora nunca questionado – e que invariavelmente emergiu vitorioso e intacto das águas profundas de tumultos e agitações revolucionárias – é a estrutura da práxis humana. (BAUMAN, 2012, p.277)

Seria um caso para os estudos da recepção? – e mais: da recepção dos fenômenos contemporâneos dentro da escola? Já não se enxergam as hierarquizações. Como propõe Orofino (2005), a proposta metodológica estava suficientemente estruturada, porém aberta aos imponderáveis do percurso e às novidades ao longo do caminho. Ante a multiplicidade de estímulos, materiais, informações, conhecimentos advindos pela rede invisível e materializando-se diante dos olhos de professores/as e de alunos/as no interior da escola, há que se ver como uma proposta viável fazer um trabalho de parceria inter e multidisciplinar para se entender o turbilhão que vem rolando por essa rede. E num esforço metodológico almejar o conhecimento sistematizado.

Há um professor que diz «presente» e aceita ser mediador. E «voilà» o conhecimento com ponte (o professor) para o aluno.

Sobre a alternativa «b» para o professor pós mídias de que «alguns elementos passam a ser básicos para o educador pós-moderno. Um deles é a curiosidade. Percebendo o mundo e o pensamento como inacabados o homem deve estar sempre em busca das respostas para suas perguntas»

Pontuada com 17 (89,5%) dos/as professores/as como regularmente representativa, representativa e muito representativa, considera-se Orofino (2005) para perceber um olhar criterioso e orientado por uma perspectiva plural e atenta à significação, tanto na forma, quanto no conteúdo, verificando como são representadas múltiplas posições de sujeito que emerge dentro da escola e de dentro dela.

Sobre esta curiosidade tão bem ponderada pelos/as professores/as, cabe perceber que

os processos de ensino-aprendizagem, todos nós cabemos, se tornam muito mais ricos quando estão ancorados na experiência, no contexto do mundo vivido, possibilitando que



ação e reflexão, juntas, em uma permanente relação da teoria com a prática, construam o conhecimento. Portanto, mais do que esperar fórmulas prontas, uma pedagogia dos meios na escola requer que os educadores arrisquem, sugiram e criem as possibilidades de ação a partir de suas experiências. No terreno do novo, do ainda inexplorado, é experimentando que se pode aprender, em processo, construindo os caminhos sempre em parceria com os estudantes e a comunidade escolar mais ampla. (OROFINO, 2005, p.133)

A curiosidade que transborda da sala de aula é elemento crucial para as descobertas da ciência – isto é ponto pacífico – porque sem curiosidade não há efetivamente ciência. A curiosidade sistematizada leva bem estar à sociedade. É ela também que impulsiona e gera intercâmbios de conhecimentos em todos os níveis, em todos os espaços e entre classes sociais. Bauman (2012) aponta para um intercâmbio transcultural; ou ainda, difusão cultural. Segundo ele, a difusão, antes um evento perturbador na vida cotidiana das culturas, agora se tornou o modo de existência do dia a dia.

Para pontuarem a alternativa «c» – «O educador assume o papel de pesquisador e incorpora a criticidade. A sociedade contemporânea exige que o professor assuma uma posição crítica dentro da sociedade, ou seja, venha a perceber-se como elemento constituinte desta e responsável pela sua mudança para melhor». – obteve-se 18 (94,7%) dos/as professore/as afirmando esta alternativa ser regularmente representativa, representativa e muito representativa. Seria utopia a presença de um professor crítico no âmbito da escola?

Bauman (2007) afirma que

para os jardineiros, a utopia era o fim da estrada; para os caçadores, é a própria estrada. Os jardineiros visualizavam o fim da estrada como a justificativa e o triunfo da utopia. Para os caçadores, o fim da estrada só pode ser o final da utopia vivida, a ignominiosa derrota. (Bauman, 2007:113)

Ora, uma utopia que vem no bojo da criticidade docente, está mais para a ideia dos jardineiros do que dos caçadores, uma vez que um professor crítico, «cavocador» de respostas, fomentador de discussões, produção de ideias e atitudes, é aquele que insufla de esperanças a escola.

Um professor crítico não surge por encanto, não advém do nada, não se faz ao acaso. É resultado do próprio esforço, no entanto, incentivado e cristalizado na trajetória de sua formação. Sobre isto, Alarcão (2001) propõe um professor circundado pela ação:

Acreditar na possibilidade de mudança como resultado do esforço contínuo, científico, ético, solidário, coletivo e persistente que se processa em um movimento iniciado na reflexão feita sobre as ações efetivadas na espessura concreta do cotidiano e, dialeticamente, a ele retorna com maior qualidade e mais consistência, voltando com vigor epistemológico e com força coletiva para provocar rupturas e (re) construir. (ALARCÃO, 2001, p.80)



É no diálogo que surge no interior da escola e que se estende para o exterior da escola, que o professor se efetiva como um protagonista e construtor da história, em sua prática social de mediar o conhecimento que vêm aos borbotões pelas redes e mídias contemporâneas, sistematizando-o, organizando-o, dando-o a entender ao aluno, dialogando com este e impulsionando-o a prosseguir com este movimento de mediação – agora e, por sua vez, como ele mesmo – aluno – um protagonista da própria história, no meio onde vive e se desloca.

A alternativa «d» – «a criatividade é um dos fatores que permeia o trabalho do professor contemporâneo. Por meio desta característica, desenvolve seu potencial inventivo, sugerindo atividades dinâmicas, motivando seus alunos a participarem dos trabalhos propostos, usando as tecnologias contemporâneas da informação e comunicação». – posiciona o professor numa posição confortável – a da liberdade de criação. Esta questão foi pontuada por 19 (100%) dos/as professores/as participantes da pesquisa como regularmente representativa, representativa e muito representativa.

Não há dúvida sobre que é a novidade o ingrediente que dá o primeiro impulso à consciência criativa.

uma produção criativa não pode ser simplesmente uma resposta nova. Ela deve igualmente ser adaptada, ou seja, deve satisfazer diferentes dificuldades ligadas às situações nas quais se encontram as pessoas. Sujeitos como os avaliadores mencionam geralmente esse duplo aspecto de novidade e de adaptação quando os interrogamos sobre suas concepções de criatividade. (LUBART, 2007, p.16)

A criatividade docente – numa perspectiva angariada pelos estudos de Bauman (2013) – passa pela luta por reconhecimento. Para ele, a luta por reconhecimento, quando comprimida para se adequar ao arcabouço da autoderminação e da autorrealização culturais, revela seu potencial antagônico. O autor não se perde nas minúcias da discussão:

(...) e como mostra a experiência recente, genocida, em última instância. Quando situadas na problemática da justiça social, contudo, as demandas por reconhecimento e as ações políticas delas consequentes tornam-se um catalisador de encontros, diálogos e negociações que podem (embora não necessariamente) levar à integração de uma ordem superior – ampliando, não ocultando, o espectro da comunidade ética. (Bauman, 2013, p.87)

Sendo a criatividade um dos elementos presentes no cotidiano docente, acompanhando o professor em sua ação didática, considera-se Torrance (2002) – estudioso da criatividade no mundo educacional. Para ele a criatividade pode ser conceituada como um processo que torna alguém

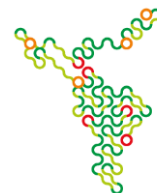


sensível aos problemas, deficiências, hiatos ou lacunas nos conhecimentos, e «o leva a identificar dificuldades, procurar soluções, fazer especulações ou formular hipóteses, testar e retestar essas hipóteses, possivelmente modificando-as, e a comunicar os resultados». (Torrance, 2002:54)

E então, 19 (100%) dos/as professores/as participantes consideraram regularmente representativa (5), representativa (5) e muito representativa (9) para a alternativa «e» que vê o professor pós advento das mídias como um professor contemporâneo que tem humildade suficiente para admitir seus erros e procurar consertá-los ao longo do caminho, mudando sua prática para melhor. Se o professor se apresenta sempre como dono da verdade, não lhe é possível seguir em busca de mudança. Sendo assim, rompe-se com o professor do passado que se posicionava como «dono da verdade», detentor único do conhecimento e, a propósito desta postura, fazia e afirmava inúmeras bobagens e sandices àquele aluno em posição sedenta de aprender. Por muito tempo se perpetuou esta postura de arrogância. Os novos tempos fizeram os/as professores/as alterarem esta ótica da ação docente. A maioria deles já se ocupa de uma nova postura docente que preconiza a humildade de admitir que não sabe tudo, a decência de pensar junto com o próprio aluno alguns novos conhecimentos, a ética de ir em busca de saberes que ele ainda não domina e, sobretudo, a postura de «ser» junto com seu aluno, numa tendência crescente à humanização e não-perpetuação de procedimentos de ensino mecânicos e excessivamente conteudista e angustiados para dar conta do currículo, sem prestar atenção aos diferentes ritmos dos alunos.

A alternativa «f» – «o professor da atualidade deve estar envolvido com seu aluno no âmbito social, uma vez que cada sujeito vem da sociedade e volta para ela. Desta forma, tem o compromisso de educá-lo para reconhecer a própria importância como sujeito e protagonista da história individual e coletiva e sua importância na transformação do mundo». – obteve, como nas duas alternativas anteriores 19 (100%) dos/as respondentes pontuando-a como regularmente representativa, representativa e muito representativa. E se olharmos pontualmente para esta alternativa, vemos nela um vínculo expressivo com a alternativa anterior.

O professor anterior às tecnologias contemporâneas da informação e da comunicação alocava-se em um espaço estabelecido para a «guerra do reconhecimento» – afinal, se assumisse não saber algo, beiraria as valas do vexatório. Sobre esta guerra Bauman (2013) assim se expressa:



Há óbvias razões (...) pelas quais a lógica das «guerras de reconhecimento» leva os lados beligerantes a transformar a diferença num valor absoluto. Cada apelo por reconhecimento contém, afinal, o elemento de uma tendência fundamentalista difícil de suavizar, e mais ainda de eliminar, que em geral empresta às demandas (...) um «caráter sectário». Formular a questão do reconhecimento no contexto da justiça social, e não no da «autorrealização» (...) pode ter efeitos benéficos nesse domínio. (BAUMAN, 2013, p.86)

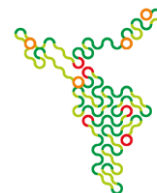
Sob este aspecto o reconhecimento docente, do ponto de vista contemporâneo, pressupõe o alargamento de vínculos. Isto significa que a um/a professor/a que se propõe a ser o mediado entre o conhecimento e o aluno, é também proporcionada a oportunidade de aprender também. E isto se dá no próprio ato/movimento de ensinar mediando e de mediar ensinando.

Finalizando o percurso pela dissolução das fronteiras pelas Redes Sociais

As perspectivas dos docentes vindas à tona não somente nas questões transpostas para este artigo, mas na íntegra da pesquisa, nos apontam que a cultura da pós modernidade, ou contemporaneidade, é uma cultura da modernidade líquida, que envolve todos os espaços didáticos. Isto inclui a escola do campo, locus de nosso trabalho.

Ao «convocar-se» Bauman (2012) que pressupunha a existência de um fenômeno objetivo chamado «cultura», aponta-se para o pensamento do mesmo que analisa esse fenômeno em função do notório «retardo do conhecimento» e o analisa como algo que talvez tenha sido desvelado com atraso. Sob este aspecto, segundo ele, é gerada uma espécie de paradoxo, ao se verificar que a desconstrução do conceito de cultura tenha acabado por vir na onda da «culturalização» das ciências sociais. De frente a este panorama, a «cultura» não precisava mais mascarar sua própria fragilidade humana e desculpar-se pela contingência de suas escolhas. «A naturalização da cultura foi parte e parcela do moderno desencantamento do mundo» (Bauman, 2012:11)

Em análise ampla, o temor trazido à tona pelas respostas dos/as professores/as em mergulhar nesse conceito de «cultura» ressignificado pela pós modernidade, nada mais é que um reflexo interno – e também perverso – da velocidade com que as mudanças tecnológicas chegaram à escola. Em Bauman (2012) é nitidamente perceptível este fenômeno, afirmando e reafirmando que o ritmo acelerado da mudança revela a temporalidade de todos os arranjos mundanos. Ora, a temporalidade é uma característica atemorizadora da existência humana. Para tanto, afirma que «a liberdade de



autodeterminação é uma benção – e uma maldição», dado que, juntas, trazem em seu bojo o paradoxo da ação para um ou para outro lado – da negação ou da afirmação, em análise circunstancial.

Desta forma, podemos mesmo considerar que o fim em aberto das tecnologias, impulsionadas pela sedução de seu uso, entram numa certa vertente da cultura, qual seja, a partir de Bauman (2012), aquela homogênea e coesa, uma cultura de uma sociedade que se altera vagarosamente, assim como a coesão de qualquer cultura é obtida pela recriação com sucesso, no processo inicial de treinamento, do mesmo tipo de personalidade básico. Sendo assim, «coesão e homogeneidade» se constituem em sinônimos de mudança de ritmo vagaroso. Eis que também aparece um conceito de «cultura» que se pode entender como um conjunto de «processos selecionados historicamente criados» que direcionam a reação humana e os estímulos internos e externos, ajustando-se às duas exigências.

Dado que a educação é um dos veículos da cultura e, ao mesmo tempo, um dos fortes elementos dessa cultura, considerada como o maior mecanismo de transformação social, a sedução proporcionada pelas tecnologias da informação e da comunicação em sala de aula, coloca a Internet como forte aliada do professor para a disseminação dos saberes, para a sua argumentação e exemplificação, ultrapassando os muros da escola e fazendo ir e vir para dentro dela, por meio das redes sociais, os conhecimentos que se interseccionam de dentro para fora e de fora para dentro.

Ao se entender como os/as professores/as percebem a importância das mídias e tecnologias contemporâneas nos processos de ensino e de aprendizagem na escola do campo, percebemos que eles entendem os diversos aspectos da tecnologia, vendo nela «a função da cultura presente no uso das mídias e tecnologias da informação, como aquela que deve satisfazer as necessidades de conhecimento e informação existentes, criando e recriando novos desafios» (Resposta de Professor à pesquisa).

Em «tempos líquido-modernos» compreendemos com Bauman (2013) que a cultura e sua esfera artística que se direciona à responsabilidade individual, tem sua função em garantir que a escolha seja e continue a ser uma necessidade e um dever inevitável da vida, enquanto a responsabilidade pela escolha e suas consequências permaneçam no local no qual foram situadas pela condição humana líquido-moderna: sobre os ombros do sujeito que agora é designado ou conceituado para a posição de líder da própria «política de vida».

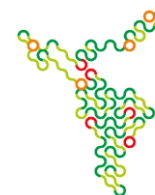


Diante disso, é ponto pacífico que a cultura cumpre seu papel de ora estreitar, ora alargar os laços com a sala de aula. Estes movimento de estreitamento e alargamento estão presentes no número de docentes que quantifica essa cultura das tecnologias em sala de aula como muito representativa. Muito embora não se trate especificamente de mudança ou modificação de paradigma, Bauman (2013) aponta para uma era “pós-paradigmática” na história da cultura (e não apenas da cultura em si). E ainda mais, embora o termo “paradigma” ainda não tenha desaparecido do vocabulário cotidiano, ele juntou-se àquilo que Bauman (2013) define como família das “categorias zumbis”.

Assim sendo, a modernidade líquida, no lastro do uso das tecnologias em sala de aula, é a arena de uma batalha constante e mortal travada contra todo tipo de paradigma – e, na verdade, como entende Bauman (2013), contra todos os dispositivos homeostáticos que servem ao conformismo e à rotina, ou seja, que impõem a monotonia e mantêm a previsibilidade.

Sobre os aspectos, na opinião dos docentes, que apontam que as tecnologias para os processos de ensino e aprendizagem tem como principal preocupação evitar o sentimento de insatisfação e que isso desperta uma sede constante de busca do novo, do desconhecido, do não conhecido, do mais distante, de mais conhecimento, muitos dos/as professores/as responderam que este movimento das tecnologias em sala de aula é representativo. Segundo Brito e Purificação (2011), isto pode ser configurado como o fato de que as tecnologias educacionais apresentam uma característica específica, qual seja, aquela em que, com frequência, o aluno tem muito mais domínio sobre a tecnologia do que seu professor e a manipula sem medo e sem restrições. Esse ponto exige do professor «(...) uma mudança de postura em sala de aula, em que a interação com seus alunos passará a ser uma atitude necessária para o bom andamento do seu trabalho pedagógico». (Brito; Purificação, 2011:83)

O trabalho pedagógico, mediado pelo uso das redes sociais – mecanismos da contemporaneidade trazidos pelas tecnologias da informação e da comunicação, apresenta questões sobre o que são as mediações. Diante destas, Orofino (2005) assevera a proposição de identificar aqueles percursos de produção de sentido como ponto de partida e consumo cultural, aos quais define como apropriação e recusa ou resistência, considerados como estruturantes, configurando e reconfigurando tanto a interação com os meios, «como a criação do sentido desta interação» (Orozco, 1993:46).



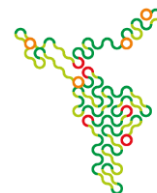
Ao analisar a importância das mídias sob o aspecto apresentado pelos contornos dos novos cenários culturais que não se dissolvem na escuridão do crepúsculo dos tempos, mesclando o passado ao presente e o presente ao futuro, muitos dos/as professores/as sentem esta afirmação como representativa e muito representativa. Há um movimento de intensa produção de sentido na relação pontuada entre cenários culturais e tecnologias contemporâneas presentes na escola. Sobre isto, procura-se abranger processos de movimento do significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento a outro.

Em Silverstone (1999), no sentido de que a mediação implica a constante transformação de significados, tanto em pequena, quanto em grande escala, significante e insignificante, na medida em que os textos midiáticos e os textos sobre a mídia circulem em suas formas escritas, discursiva e audiovisual, e enquanto nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, contribuamos para a sua produção.

Neste sentido, Orofino (2005) inclui a escola em sua qualidade de cenário social em que se efetiva esta circulação de significados e sentidos produzidos pelas e sobre as mídias. Ao se levar o debate sobre o uso das mídias, na forma de pesquisa para dentro da escola e, neste caso, da escola do campo, destaca-se um ponto de partida – conhecer um pouco mais sobre as teorias da mídia e da comunicação a fim de que estas ofereçam algum suporte reflexivo para as ações no espaço escolar. É então que se aponta para Martin-Barbero (1997) e para Orozco (1993) no enfoque da teoria das mediações.

Martin-Barbero (1997), apontando para as teorias críticas da mídia e da comunicação social contemporâneas percebe um nível de consenso na definição das mesmas pelo ponto de vista integral dos processos de circulação e produção de sentidos. Estes estudos, segundo Orofino (2005) também de lançam ao desafio de identificar, conceituar, mapear as operações e os modos de reconhecimento entre produtores-meios-receptores em um movimento dialético e sócio histórico.

Sobre a percepção da importância das mídias sob o foco da facilidade dos movimentos das tecnologias contemporâneas da informação e da comunicação que as coloca como facilitadora de fluxos e espaços, vários professores participantes da pesquisa imprimiram sua impressão de representativa e muito representativa para este aspecto. Sobre esta escolha, aponta-se para contornos estruturais que encetam para mudanças culturais. Estas conduzem a um debate interno específico que

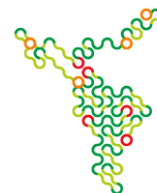


apresenta os meios de comunicação contemporâneos em sua expansão exponencial, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico. Sob a análise histórica, Orofino (2005) aponta para a própria Internet, que em seu início, foi desenvolvida para fins de controle militar e de inteligência. Posteriormente foi disponibilizada para a sociedade civil. E nesse desenvolvimento – primeiro utilizada para fins comerciais – nas duas últimas décadas adentra os espaços da escola e, por isso, já transpõem os muros da sala de aula e a dimensão histórica é superada pelos estudos demandados pela didática de seu uso como estratégia em sala de aula, no ensino das diversas disciplinas da educação básica.

Orofino (2005) argumenta a resignificação do mundo, as brechas, os espaços e as negociações de sentido. Aponta, sob este aspecto, que as novas teorias latino-americanas que focam para a relação entre comunicação e cultura têm sido muito criativas na medida em que buscam transpor estas dificuldades relativas à herança multidisciplinar e fragmentária dos estudos da mídia. As mídias nos conduzem para uma abordagem que enfoca a complexidade dos processos de comunicação social, justamente a partir do conceito de mediações.

O conceito de mediação migra para a escola, definindo-se como mediação escolar. Se a escola é local de conexão entre muitas culturas que advém tanto de identidades, quanto de diferenças socioculturais, então é preciso buscar sobrepor todas as mediações que se apresentam a partir do cenário escolar. Neste se entrelaçam as mediações. Orofino (2005) chama a atenção para a mediação institucional, porque afinal, a escola é uma instituição social das mais rígidas e estruturadas ao longo da história. Não é a única, no entanto, dado que as múltiplas possibilidades de negociações de sentido nem sempre aparecem da esfera institucional e, sim, da situacional e individual.

Sobre a percepção das mídias e tecnologias na aprendizagem na escola do campo, que visualiza o mundo sem fronteiras e que usa as tecnologias da informação e da comunicação para movimentar saberes e fazê-los chegar instantaneamente a qualquer lugar, os/as professores/as concebem que a escola já é um local de mediações. Esta é a análise desta valoração proposta por esses professores. Embora ainda em muitas circunstâncias a escola ainda subestime esta condição de mediação, abandonando este papel social ao espontaneísmo cotidiano, não potencializando como deveria sua condição mediadora e sem assumir sua responsabilidade, a escola corre o risco de se transformar em um espaço inexpressivo quando se trata do acionamento das mediações. Usar blogs



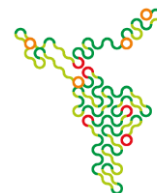
e redes sociais como estratégias ricas de potencial para o ensino de conteúdos das disciplinas, também potencializa o papel da escola frente à comunidade em que está inserida.

Em tempos de modernidade líquida em que todos os fenômenos da vida humana, segundo Bauman (2012), parecem ser socioculturais, a rede de dependência dos artefatos da cultura passa pela escola, entra e sai dela pelas veias fluidas da tecnologia invisível feita de satélites e fibras óticas aquém dos olhares humanos. Desta forma, amparados nessa concepção, endossamos-lhe o pensamento de que a permanência da transitoriedade; a durabilidade do provisório são fatos presentes em nossa vida contemporânea. E seguimos a perspectiva do mesmo de que a determinação objetiva irrefletida na consequência subjetiva das ações; o papel social perpetuamente subdefinido, ou, mais corretamente, a inserção no fluxo vital sem a âncora de um papel social – tudo isso, juntamente com as características correlatas da vida líquido-moderna, foi exposto e documentado em várias épocas, na trajetória histórica.

Para finalizar e, seguindo Aquino (2012), apontamos que perscrutar analiticamente a atualidade educacional e, por conseguinte, a multiplicidade de sentidos que a caracteriza, constitui-se num empreendimento pontilhado de riscos. E asseveramos que o maior desses riscos é de ceder à tentação, de todo ilusória, de descrever o presente com tintas naturalistas, esquecendo-se que os fenômenos aí presentes têm origem e destinação inexoravelmente incertas.

E assim, a faculdade de divisar o imprevisto que a época nos oferece dá-se, na maioria das vezes, apenas por meio de enquadres interpretativos saturados. De tempos sólidos, nos quais havia a segurança enciclopédica que transformava o professor no detentor do conhecimento, a tempos líquidos, nos quais o professor se transformou – ou deveria ter se transformado – no mediador entre o conhecimento e o aluno, por meio da sistematização didática.

Sob este aspecto é possível apresentar-se o professor do passado, cujas didáticas previam tudo com segurança, sem sustos, sem atropelos e sem medos. Ao passo que o do presente vive aos sobressaltos e, em muitos casos, devido às mazelas da própria formação, está lá um professor vivendo de sobressaltos e procurando provar ou outorgar sua autoridade pela força de argumentos nem sempre honestos. Liquidez. Para Bauman (2007), «tempos líquidos».



Referências

Aquino, Júlio Groppa. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo. Summus, 2012

Bauman, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros, 1.ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Tempos Líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____; Bordoni, Carlo. **Estado de Crise**. Tradução Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Orofino, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire, 2005.



A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE E DA PATERNIDADE NAS IMAGENS DA REVISTA CRESCER

Cláudia Nandi Formentin¹

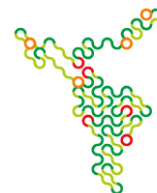
Resumo: A necessidade de buscar informação sobre maternidade e paternidade leva muitas pessoas a recorrerem, no século XXI, a blogs e sites especializados no tema. Quando a internet ainda não era uma realidade as informações vinham de revistas especializadas que, mesmo em tempos digitais ainda se mantém presente no cotidiano das famílias. A revista Crescer, por exemplo, trouxe em sua capa na edição de novembro de 2016 o slogan “informação e inspiração para mães e pais”. Se o slogan posiciona a revista como sendo direcionada a pais e mães a questão que se apresenta é: será que no conteúdo da revista é possível perceber a inclusão de pais e mães? Assim, para esse trabalho definiu-se como questões problemas: É possível, por meio das imagens presentes na revista, identificar a quem, pai e/ou mãe, é entregue a tarefa de criar os filhos? A ideia de que é da mulher o papel de cuidar dos filhos é reforçado ou não nas imagens vistas no decorrer da edição? Para chegar às respostas dessas perguntas tem-se como objetivos: verificar em que situações homens e mulheres são retratados nas imagens que ilustram a referida revista; analisar se estas imagens reforçam papéis familiares que permeiam o imaginário social. Para fundamentar a análise utiliza-se como base teórica Michel Maffesoli (2001) e Stuart Hall (2014 e 2016). Como resultado tem-se uma maior quantidade de imagens de mulheres do que de homens e nelas é possível relacionar mais a mulher com a posição de mãe.

Palavras-chave: Representação. Imaginário. Maternidade

THE REPRESENTATION OF MATERNITY AND FATHERHOOD IN THE IMAGES OF THE MAGAZINE CRESCER

Astract: The need to seek information on maternity and paternity leads many people to turn, in the 21 st century, to blogs and websites. When the internet was not yet a reality the information come from specialized magazines that, even in digital times, still remains present in the daily lives of families. The magazine Crescer, for example, brought the slogan “information and inspiration for mothers and fathers” on its cover in the November 2016 issue. If the slogan positions the magazine as being directed to parents, the question that arises is: does the content of the magazine make it possible to perceive the inclusion of fathers and mothers? Thus, for this work, questions were defined as problems: Is it possible, through the images present in the journal, to identify who, father and/or mother, is given the task of raising children? Is the idea that role of caring for the children is reinforced or not in the images seen during the edition? In order to arrive at the answers of these questions we have as objectives: to verify in which situations men and women are portrayed in the

¹ Doutora em Ciências da Linguagem. Professora e pesquisadora na Faculdade Satc (Criciúma-SC) onde faz parte do Grupo de Estudos em Comunicação e Design (GECeD).



images that illustrate said magazine; analyze if these images reinforce familiar roles that permeate the social imaginary. To base the analysis is used as theoretical basis Michel Maffesoli (2001) and Stuart Hall (2014 and 2016). As a result one has a greater quantity of images of women than of men and in them it is possible to relate more the woman to the position of mother.

Keywords: Representation. Imaginary. Maternity

Introdução

As mudanças sociais e econômicas (abolição da escravidão, revolução industrial entre outros) ocorridas no final do século XIX e início do século XX produziram também no interior das famílias modificações com relação ao papel de cada um de seus integrantes. Segundo Scott (2012) a ordem patriarcal, estabelecida até o final do século XIX, colocava a mulher sob a autoridade paterna. Tal controle, depois da realização de um casamento monogâmico e indissolúvel, era transferido para o marido. As vontades, desejos e sentimentos individuais eram desconsiderados sendo soberana a decisão do patriarca. Nesse ambiente era responsabilidade feminina o cuidado com a casa e a família, em especial os filhos. Entre 1888 e 1894, afirma Tomaz (2015, p. 157) o Brasil “contava com diferentes periódicos que se propunham a “educar a mãe”, slogan do jornal A Família, editado em São Paulo”. No entanto, a partir do início do século XX esses valores passam a ser questionados apesar de “a subalternidade e a dependência das mulheres em relação ao ‘sexo forte’ na família se manifestassem ainda por um longo tempo, mesmo que disfarçadas sob um verniz de modernidade” (SCOTT, 2012, p. 16).

O novo modelo familiar que começava a se estabelecer, conforme a autora, era o da chamada “família conjugal moderna” que enaltecia a ideia do “lar doce lar”. Essa “nova família” exigia uma nova mulher: “uma mãe dedicada que dispensava especial atenção ao cuidado e à educação dos filhos [...] responsabilizando-se também pela ‘formação moral’ das crianças” (SCOTT, 2012, p. 17). Nessa perspectiva, oriunda das novas classes dominantes, esclarece Scott (2012), a mulher era desobrigada ao trabalho “produtivo” tendo sua atenção voltada para o lar, considerado o espaço feminino enquanto ao homem estava reservado o espaço público. Esses elementos ainda formam o que Maffesoli (2001) chama de imaginário em torno do feminino e acabam por ser reforçados pelos veículos de comunicação. Nesse sentido é possível reconhecer que tais elementos, próprios da formação cultural



de uma sociedade se dá a partir do compartilhamento de significados que perpassam pela linguagem e que, de alguma maneira formam o mapa conceitual, citado por Hall (2016), no qual estamos imersos.

Percebendo essa necessidade de compreender as fases da infância, vários foram os periódicos no Brasil que se dedicaram a passar esse tipo de informação com publicações mensais sobre o tema, como é o caso da revista Crescer, da editora Globo, objeto de estudo deste trabalho. Se em outros tempos esse material destinava-se as mães hoje, com cada vez mais pais participando ativamente da criação dos filhos, verifica-se uma tentativa de mudança de posicionamento. A revista Crescer, por exemplo, traz em seu slogan “informação e inspiração para mães e pais”.

Se o slogan posiciona a revista como sendo direcionada a pais e mães a questão que se apresenta é: será que no conteúdo da revista há um discurso que inclua pais e mães? Assim, para esse trabalho definiu-se como questões problemas: É possível, por meio das imagens presentes na revista, identificar a quem, pai e/ou mãe, é entregue a tarefa de criar os filhos? O imaginário de que é da mulher o papel de cuidar dos filhos é reforçado ou reconstruído? Para chegar as respostas dessas perguntas tem-se como objetivos: verificar em que situações homens e mulheres são retratados na referida revista; analisar se estas imagens reforçam papéis familiares que permeiam o imaginário social.

A edição a ser analisada neste trabalho será a de número 276, de novembro de 2016. Sua escolha se deu a partir da matéria de capa que tem como imagem uma menina segurando um boneco com capacete sob a seguinte manchete: “Coisa de menino?”. Foi o tema desta matéria juntamente com o slogan da revista que instigaram esta pesquisadora a propor uma pesquisa qualitativa com análise de conteúdo das imagens que ilustram as matérias da referida edição quanto ao papel de pais e mães na criação dos filhos. As imagens que foram analisadas estão entre as páginas 12 e 93. Foram excluídas as imagens do sumário da revista e da editoria Crescer, bem como das editorias de Turismo, Decoração, Moda, Lançamentos, Festa, Superfácil e Diversão. O aporte teórico que servirá de base para a análise do material gira em torno de autores como Silva (2006) e Maffesoli (2001), no que tange o imaginário, e Stuart Hall (2014 e 2016) no que se refere a representação.

Imaginário e Representação



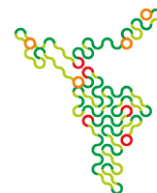
Não raro ao apresentar o termo imaginário o senso comum logo remete a algo que não é compatível com a realidade, aquilo que não é verdade. Essa ideia do imaginário ser uma ficção, algo sem consistência ou realidade não é recente. Michel Maffesoli (2001, p. 75), em entrevista a Revista Famecos, explica que “essa noção de imaginário vem de longe, de séculos atrás”. Para o autor, o imaginário é o estado de espírito que caracteriza uma sociedade.

Assim, afirma o autor, o imaginário está em uma dimensão atmosférica, o que para ele caracteriza o que Walter Benjamin chamou de aura. Maffesoli (2001, p. 75) completa afirmando que o imaginário constitui-se em uma força social “[...]de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. O imaginário, (...), é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra”. O imaginário, completa Silva (2006, p. 18), é uma aura em mudança permanente.

Na perspectiva de Silva (2017) o indivíduo é movido pelos imaginários que cria. Explicando o conceito de imaginário, Silva (2006, p. 8) indica que este constitui-se em uma narrativa. A construção de tal narrativa, avalia o autor, não tem um fim, é um processo constante, construído coletivamente e, por isso, de maneira anônima e não intencional que acaba por formar uma rede que é costurada por valores e sensações que são compartilhados pelos indivíduos de forma concreta ou virtual e, por estar em constante mudança, está em um terreno movediço.

Silva (2006) procura explicar a concepção de imaginário de Maffesoli afirmando que este coloca o termo em um campo semântico mais geral, o que permite que a palavra “imaginário” ficasse mais compatível com os vários sentidos que lhe são atribuídos contemporaneamente. Para Michel Maffesoli, explica Silva (2006, p. 10), “[...] o imaginário é uma força, um catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patrimônio de grupo (tribal), uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida [...]”.

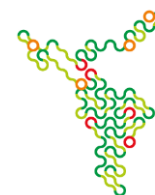
Nesse sentido, afirma Silva (2006, p. 11 - 12) o imaginário é um reservatório na medida em que soma imagens, sentimentos, lembranças que, juntamente com uma relação estabelecida entre o individual e o grupal, “[...] sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo”. Verifica-se, como aponta Maffesoli (2001, p. 80) que o é coletivo e esta mas isso toca o indivíduo de maneira particular o que permite afirmar que “[...] Cada sujeito está apto a ler o imaginário com certa autonomia”. No entanto, percebe o autor, “[...] vê-se que o imaginário de um



indivíduo é muito pouco individual, mas sobretudo grupal, comunitário, tribal, partilhado”. Isso porque, para ele, quando há a referência ao imaginário, refere-se também ao sentido de fazer parte de algo, de uma partilha, seja no campo da linguagem, de uma ideia de mundo ou, como diz o próprio autor de uma atmosfera. Assim, “[...] pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). Isso porque, explica Silva (2017), o imaginário corresponde a algo que passou ter sentido para o indivíduo.

Apresentando essas questões relacionadas ao imaginário identifica-se a relação com a ideia de Hall (2016) de que os membros de uma mesma cultura possuem um cabedal de conceitos semelhantes. São elementos compartilhados entre seus membros podendo ser ideias, acontecimentos, pessoas etc. é o que o autor chama de mapa conceitual. Assim, explica Hall (2016, p. 38), os membros dessa cultura também devem “compartilhar uma maneira semelhante de interpretar os signos de uma linguagem, pois só assim os sentidos serão efetivamente intercambiados entre os sujeitos”. Cabe a linguagem presente na comunicação a capacidade de construir significados. E isso acontece, conforme aponta Hall (2016, p. 18), pois ela, a linguagem, “opera como um sistema representacional” e, continua o autor, a representação por meio da linguagem “é essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos”. Woodward (2014) apresenta nessa perspectiva que é nesse sistema simbólico formado pela linguagem que as identidades se fazem presentes. O autor explica que é possível usar a ideia de representação para perceber como as identidades são construídas. Assim, completa Woodward (2014, p. 10) “a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social” (grifo do autor).

Sem a linguagem e os sistemas que ela forma, seria difícil para os membros dessa sociedade formar ou rechaçar as identidades formadas pelo coletivo em que se encontram. Cabe ressaltar que a representação não pode ser vista como algo claro e objetivo. Pelo contrário. Segundo Hall (2016, p. 28) “a representação não é uma prática simples, tampouco transparente como inicialmente aparenta ser, e que, de modo a destrinchar uma ideia precisamos nos empenhar sobre uma série de exemplos [...]”. De alguma maneira Woodward (2014) completa a ideia de Hall ao afirmar que para compreender o sistema de representação não se pode deixar de lado a relação cultura – significado pois “só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia



sobre quais posições-de-sujeitos eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior” (WOODWARD, 2014, p. 17).

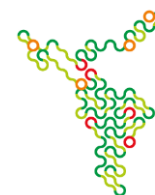
A partir dessa reflexão é possível observar que os discursos que emanam da sociedade são parte da criação de discursos que reforçam ou descontroem o que a coletividade apresenta. Muitos desses discursos se apresentam pelo simbólico que, por sua vez, se apresentam das mais variadas formas.

Análise e apresentação dos dados

O slogan da revista Crescer (Editora Globo), estampado em sua capa da edição ora estudada, é “Informação e Inspiração para mães e pais”. Mesmo não sendo este o foco do trabalho que aqui se apresenta cabe apontar que, juntamente com a manchete da capa (“Coisa de menino?”), o slogan chamou a atenção da pesquisadora suscitando a curiosidade em saber de que maneira os pais e mães estavam inseridos na referida publicação. Foi nesse contexto que surgiram as questões problemas que norteiam este artigo.

Para esta pesquisa estabeleceu-se como critérios para a escolha das imagens a serem analisadas o fato delas representarem adultos homens ou mulheres. Estas imagens se fazem presentes entre as páginas 12 e 93 da edição de novembro de 2016 da referida publicação. As páginas anteriores a 12 foram excluídas pois o material presente nelas, além de publicidade, eram Carta da Redação, Sumário e Crescer por aí (espaço reservado para, conforme a própria revista opinião, sugestão, dúvidas e ideias enviadas pelos leitores). As páginas posteriores a 93 continham material falando sobre Decoração, Turismo, Moda, Lançamentos, Festa, Superfácil (seção que ensina a fazer brinquedos) e Diversão (que apresenta dicas de livros, brinquedos e filmes).

Nesse intervalo de páginas foram mapeadas 33 imagens em que é possível identificar a figura humana em material jornalístico, portanto foram desconsideradas imagens de objetos como brinquedos bem como as figuras apresentadas por peças publicitárias. Deste total pode-se identificar em 28 a presença de adultos e que serão o foco desta pesquisa. As imagens que indicam a representação de um adulto foram divididas em duas categorias. A primeira é Mulher e a segunda Homem. Entre as 28 imagens, vinte e duas se enquadram na categoria Mulher enquanto seis podem ser colocadas na categoria Homem.

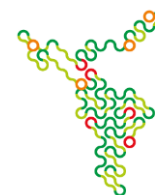


Para a categoria Homem as imagens em que há a presença masculina três são de profissionais ouvidos pela revista em torno de temas de conhecimento dos entrevistados (um médico pediatra, um ginecologista e obstetra e um filósofo/educador). Destes o entrevistado como educador é Mário Sérgio Cortella, profissional reconhecido por obras publicadas e entrevistas em vários programas de TV etc.. Dentre as imagens que não apresentam os profissionais três imagens indicam a presença de um homem deitado em segundo plano. Pelo contexto em que esta fotografia está há a sugestão de que ele seja o pai da criança que está em primeiro plano, também deitada. A imagem está acompanhada de um texto que trata sobre o sono infantil. As outras duas imagens são ilustrações que sugerem as figuras masculina e feminina grávida em uma matéria sobre sexo na gravidez.

Na categoria Mulher 21 imagens foram mapeadas. Destas em doze as mulheres estão acompanhadas de crianças identificadas como sendo seus filhos. Entre estas doze uma das imagens é de uma mulher famosa, Bela Gil, identificada como apresentadora e culinária pela publicação. Outra mulher não tem seu rosto mostrado pois a matéria trata de parto na água e evidencia a criança então aparece apenas os braços e as pernas da mãe e um bebê. Neste aspecto pode-se perceber que há o compartilhamento de alguns elementos quando se refere à figura da mãe.

A partir da descrição das imagens pode-se perceber a formação de uma espécie de mapa em que as imagens reforçam qual o papel da mãe e qual o papel do pai. Como Hall (2016) aborda há a composição de um mapa de significados em torno do que é ser mãe. Há o compartilhamento de certos elementos do real que acabam por compor uma atmosfera, como afirma Silva e Maffesoli (2001) sobre o que é ser mãe. Isso acontece pois, como disse o autor, a presença desse imaginário na realidade acaba por formar imagens que, por sua vez, reafirma tal imaginário.

Nas imagens apresentadas reforça-se a ideia de que mães estão mais próximas dos filhos no cotidiano fortalecendo o pensamento de que a responsabilidade maior sobre a criação dos filhos recai sobre as mulheres. Os signos que indicam isso nas imagens analisadas estão nas mulheres sorrindo junto dos filhos ao redor da mesa ou na brincadeira do parque ou mesmo com um bebê no colo esses significados são reforçados indicando, conforme aponta Hall (2016, p. 18), que a linguagem, “opera como um sistema representacional” para certos conceitos, ideias e sentimentos. Apesar de existir diversidade quando aos significados que circundam a maternidade/paternidade a sociedade brasileira,



onde é publicada a revista aqui analisada, possui um mapa de significados que possibilita que o que está posto nela seja interpretado de maneira semelhante pelos membros do público que a lê.

Considerações Finais

A partir da observação das imagens publicadas na revista Cresce sob a luz das ideias de Maffesoli e Hall foi possível responder as questões problemas apresentadas no início deste trabalho. Assim, a partir do número de imagens em que aparecem homens e mulheres percebeu-se que o espaço a elas dedicado é maior do que a figura paterna o que já reforça que quem se dedica aos cuidados infantis são as mulheres que acabam procurando apoio na publicação vendo-se representada em suas imagens. Também, em muitos casos, quando são ouvidas como profissionais estas mulheres são apresentadas, nas legendas das fotos como mães. O que de certa maneira parece justificar a sua presença e a sua fala do que o fato de ser uma profissional.

O mesmo não acontece com os homens. Assim quanto a pergunta se é possível, por meio das imagens presentes na revista, identificar a quem, pai e/ou mãe, é entregue a tarefa de criar os filhos? A resposta é sim e tal tarefa, pelas imagens presentes na publicação, ainda está entregue prioritariamente a mãe. Dessa forma, chega-se a resposta sobre se o imaginário de que é da mulher o papel de cuidar dos filhos é reforçado ou reconstruído? Nesse caso o imaginário é reforçado por meio de signos simbólicos que são compreendidos pelos membros da sociedade de maneira semelhante. Sobre tais signos não são apresentados novos significados. Ao contrário, o local onde mães e pais são apresentados pelas fotos e a expressão facial registrada acaba por reforçar os significados de maternidade presentes na atual sociedade. Dessa maneira, ao chegar as respostas das perguntas feitas no início deste trabalho foi possível atingir os objetivos propostos.

Cabe ressaltar ainda que este trabalho partiu apenas de um elemento que constitui um material jornalístico: a fotografia em uma edição de uma publicação do segmento. Novas propostas podem surgir a partir daqui especialmente, pois atualmente há um questionamento dos padrões tradicionalmente estabelecidos. Nesse sentido novos significados em torno da paternidade e maternidade estão sendo apresentado para e pela sociedade indicando uma reconfiguração social em torno do tema. É importante que a academia coloque em pauta discussões tão importantes, mesmo que, de certa maneira elas pareçam tão particulares.



Referências

- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC – RJ: Apicuri, 2016.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz da; HALLA, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais** 15. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103 – 133.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3123/2395>>.
Acesso em: 07 set. 2017
- SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. P. 15 – 42.
- SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. 2. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento – o que é o imaginário?** (A hipótese do excede te de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- SILVA, Tomaz da; HALLA, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais** 15. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- TOMAZ, R. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 29, p. 155-166, jun. 2015. Disponível em: <
file:///D:/Arquivos%20Claudia/biblioteca/artigos_maternidade/identidade_maternidade.pdf>.
Acesso em: 15 ago. 2017.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual In: SILVA, Tomaz da; HALLA, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais** 15. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 07 – 72.



PRÁTICAS IDENTITÁRIAS NO JORNAL ESCOLAR: A PRODUÇÃO DE TEXTO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Vanessa Wendhausen Lima¹

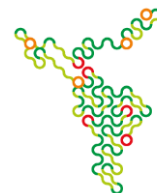
Resumo: A produção de jornal escolar pode evidenciar uma série de influências sobre os textos dos estudantes, sejam estas do âmbito do discurso, sejam do âmbito da prática social, sem que uma seja apartada da outra. Um dos aspectos que pode ser encontrado nessas produções é a prática identitária de estudantes que demonstram em seus textos mais que apenas uma soma de códigos e informações sobre sua localidade. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar características evidenciadas nos textos produzidos por estudantes de uma turma de correção de fluxo de uma escola do ensino fundamental de Tubarão/SC. Este trabalho se configura como um excerto da tese de doutorado da autora e teve como aporte teórico a Análise Crítica de Gênero (BONINI, 2011) que toma o discurso e o gênero como bases de análise não apenas do texto, mas também da prática social de forma geral. A metodologia utilizada foi a da pesquisa participante (DEMO, 2008) e foi realizada durante um ano letivo em uma turma que precisava passar por adequações escolares em função do ensino fundamental de 9 anos (2012), chamada de Correção de Fluxo. Os resultados mostram que esta produção de jornal escolar se apresentou como uma estratégia reveladora de práticas identitárias desses estudantes e, para além disso, de como o discurso circulava entre os textos e, sobretudo, no mundo desses alunos de ensino fundamental.

Palavras-chave: Práticas identitárias. Jornal Escolar. Discurso.

IDENTITY PRACTICES AT SCHOOL NEWSPAPER: THE TEXT PRODUCTION IN ELEMENTARY SCHOOL

Astract: The production of the school newspaper can show a series of influences on the students' texts, whether they are within the scope of the discourse, or within the scope of social practice, without being separated from the other. One of the aspects that can be found in these productions is the identity practice of students who demonstrate in their texts more than just a sum of codes and information about their locality. Thus, the objective of this work is to analyze characteristics evidenced in the texts produced by students of a class of correction of flow of a primary school in Tubarão / SC. This work is an excerpt from the doctoral thesis of the author and had as theoretical contribution the Critical Analysis of Gender (BONINI, 2011) that takes the discourse and the gender as bases of analysis not only of the text, but also of the social practice of general form. The methodology used was that of the participant research (DEMO, 2008) and was carried out during a school year in a class that had to undergo school adjustments due to 9-year elementary education (2012), called Flow

¹ Doutora em Ciências da Linguagem, professora dos cursos de Design, Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Satc, Criciúma, Santa Catarina, Brasil. E-mail: vanessa.wendhausen@sac.edu.br



Correction. The results show that this production of school newspaper presented itself as a revealing strategy of the identity practices of these students and, moreover, of how the discourse circulated between texts and, especially, in the world of these elementary students.

Keywords: Identity Practices. School Newspaper. Discourse.

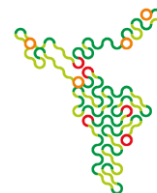
Introdução

O ensino de Língua Portuguesa pautado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) deve estar muito mais ligado a um ensino que saia dos livros didáticos e que demonstre como sobreviver em um mundo real. Dizer isso não significa dizer que os livros didáticos estão inadequados à realidade do mundo em que vivemos, no entanto, é possível estabelecer conexões firmes entre os conteúdos elencados nos livros didáticos utilizados nas escolas públicas e os processos seletivos das grandes universidades, ou seja, o estudante ideal é aquele que termina o ensino médio e se dedica a ingressar em uma universidade. Entretanto, a realidade dos estudantes de escola pública está muito distante desse ideal de vida pós período escolar.

Com base nessas ideias, a produção de jornal escolar analisada neste trabalho, visou permitir que os estudantes assumissem um papel autoral tanto no que se refere ao seu próprio processo de ensino e aprendizagem quanto à produção de conteúdo que pautava esse processo como um todo. Dessa forma, os estudantes estariam escrevendo textos que poderiam mostrar suas realidades e, ao mesmo tempo, poderiam desenvolver um potencial de escrita que seria evidenciado entre os colegas e a comunidade escolar como um todo. Lembro que este é um excerto da tese de doutorado da autora, defendida em 2014, na Universidade do Sul de Santa Catarina.

A Análise Crítica de Gênero

Segundo Lima (2014), contrariando a tradição de análise de gêneros como entidades isoladas, estáveis e estanques, novas propostas e conceitos teórico-metodológicos começam a se delinear recentemente, a fim de que se estudem os gêneros em situações mais próximas da realidade, sem deixar de considerar sua relação dialógica e outros aspectos sociais. É possível perceber que algumas



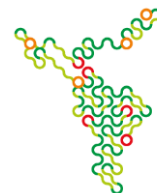
dessas propostas buscam evidenciar a complexidade das relações linguísticas, discursivas e sociais mediadas pelos gêneros.

Bhatia (2004), por exemplo, entende que as análises do discurso escrito podem se ater ao nível léxico-gramatical ou a outras propriedades textuais, ao uso da linguagem situada em contextos profissionais, institucionais e organizacionais ou, ainda, a um amplo contexto social, nesse caso destacando as relações sociais e identidades, além das forças assimétricas de poder social. O autor propõe que as análises do discurso escrito (que ele também sugere que pode ser visto como texto, gênero, prática profissional ou prática social) ultrapassem o nível da estrutura textual e sugere um modelo que permite uma visão em multiperspectiva sobre o discurso.

Esse modelo possibilitou explorar não apenas a estrutura textual do discurso escrito, mas possibilita ir além do estritamente exposto, considerando como objeto de análise também o contexto de produção dos discursos. Ao considerar o discurso (também) como prática social, o autor favoreceu a que as análises de gênero assumissem uma posição de perspectiva crítica; o que de fato, não poderia ser ignorado por muito mais tempo, haja vista que, desde a declaração de Bakhtin (2004/1979) de que “onde há signo há ideologia”, passou-se a vislumbrar a existência de um lado oculto dos enunciados que influencia fortemente no texto (assim como na constituição da sociedade) e que, até então, era um aspecto pouco evidente nas análises.

A partir disso, é possível perceber que a Análise Crítica de Gêneros (ACG), conforme proposto por Bonini (2011), se apresenta como um quadro teórico-metodológico que busca entender a dinâmica de funcionamento dos gêneros em sociedade. Isso significa pensar, também, naquilo que influencia os gêneros que circulam socialmente, quais práticas sociais podem impulsionar o surgimento ou o apagamento de um gênero e de que forma os discursos se fazem presentes na constituição genérica.

Gêneros não surgem do vazio, mas sempre de uma relação de interação com outros gêneros e com outros aspectos do contexto que abrigam esses gêneros. Responsáveis por organizar a comunicação humana, o funcionamento dos gêneros depende tanto de outros gêneros, quanto das estruturas que regulam sua circulação e, por consequência, da forma como os sujeitos estabelecem contato com esses gêneros. Os sujeitos, por sua vez, só têm a possibilidade de conhecer e de dominar



a utilização dos gêneros, porque os gêneros contam com suportes físicos e sociais que permitem sua existência e sua circulação em sociedade.

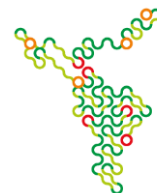
Segundo Bonini (2011), os gêneros se constituem através de relações dialógicas e interdependentes estabelecidas com outros gêneros, com as práticas sociais e discursivas, com as estruturas sociais e com o discurso. Essas relações podem estar restritas ao campo do enunciado ou ampliadas ao âmbito do discurso e das estruturas sociais.

Os sujeitos produtores/receptores envolvidos com o gênero estão envolvidos também em uma série de ações que podem ser relativas às ações de produção, ações de compreensão e ações de textualização. Tais ações dizem respeito àquilo que os sujeitos produtores/receptores precisam acionar quando chamados à produção, textualização e compreensão de um gênero, por exemplo: os conhecimentos sobre o gênero e seus objetivos; o conhecimento de mundo necessário para a textualização ou a identificação do público receptor e do que ele espera compreender desse gênero. Essas ações provocam um resultado a que se pode chamar de prática social do gênero. Entretanto, essas ações de produção, textualização e compreensão do gênero não são levadas em consideração neste trabalho.

De acordo com Lima (2014), o gênero está imerso em práticas sociais que lhe são inerentes e que determinam sua forma, seu conteúdo, a maneira como os sujeitos o (re)produzem e o compreendem. Essa relação dialógica é um fator constitutivo do gênero, evidenciando que um gênero está sempre conectado a outro, que uma prática discursiva está sempre ligada à outra, interferindo-se e influenciando-se mutuamente. Para entender o gênero sob esse viés, é preciso entender como essas relações se estabelecem como fortes influências na formação do gênero e do discurso.

Essa relação de constituição é essencial, pois, em alguns casos, os gêneros nem existiriam se não fossem alguns elementos (o suporte e a mídia, por exemplo), isto é, sem estes, os gêneros não poderiam circular ou seriam completos desconhecidos dos sujeitos. Essa relação de interação entre os gêneros e esses elementos, segundo Bonini (2011), pode ser chamada de relação genérica e podem ocorrer de quatro formas: com o hipergênero, com a mídia, com o sistema de gêneros e com a comunidade discursiva.

O gênero pode se relacionar com um **hipergênero**, uma espécie de agrupamento de gêneros, onde as produções genéricas simplesmente acontecem em conjunto. Conforme Bonini (2011, p. 691),

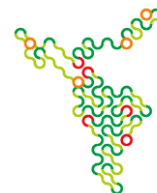


essa produção pode ocorrer num agrupamento, que permite formar “uma unidade de interação maior (um grande enunciado)”, como o jornal, por exemplo. A mídia, por sua vez, é uma “forma tecnológica material de mediação da interação linguageira, sendo que ela constitui-se de um ou mais suportes e apresenta uma forma característica de organização, produção e recepção” (BONINI, 2011, p. 693). A relação com a mídia é essencial, tendo em vista que, segundo o autor, é a mídia que põe o gênero em circulação e, ainda, organiza os sujeitos produtores/receptores através do cenário espaço-temporal dos gêneros. Ainda segundo o autor, “gêneros e hipergêneros se ajustam às formas de produção e recepção possibilitadas pela mídia”. Os gêneros, com suas práticas discursivas, tanto quanto os sujeitos que os produzem/recebem, precisam se ajustar às possibilidades midiáticas para que possam entrar e se manter em circulação social. Por isso, esta é outra das relações que constituem e, de alguma forma, determinam o gênero.

Quanto ao sistema de gêneros, conceito proposto por Bazerman (2006), Bonini (2011, p. 693) declara que “os gêneros podem ser vistos como elementos de uma sequência de práticas e ações sociais [...] [em que] um gênero cria condições para existência de outro”. Já no que se refere à comunidade discursiva, conceito proposto por Swales (1990), “os gêneros em uma comunidade discursiva, estão a serviço de uma hierarquia de membros que, juntos, realizam um conjunto de práticas sociais também hierarquizadas” (BONINI, 2011, p. 693). É importante deixar claro que, por uma questão operacional, essas relações genéricas não são tomadas como objeto de análise neste trabalho.

Outro possível nível de análise, conseguinte às relações genéricas, refere-se às relações do plano do discurso. Para o autor, gêneros são materializações do discurso, assim como as práticas sociais imersas nos gêneros também influenciam os discursos. Por último, aparecem as relações no plano da estrutura social. “As instituições (como a igreja, a economia e a ciência) constituem tanto os discursos quanto as práticas sociais e são, ao mesmo tempo, por esses constituídas” (BONINI, 2011, p. 694).

Análise: práticas identitárias no jornal escolar



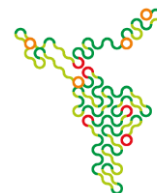
Após a conclusão do processo de produção do jornal escolar, as produções textuais desses participantes foram analisadas com base na ACG (BONINI, 2011). Para a ACG, os gêneros precisam ser vistos além do exposto textualmente, pois a produção de um gênero ocorre em consonância com práticas sociais que motivam e impulsionam tal produção. O gênero é apenas um dos componentes de uma relação que envolve não apenas o enunciado em si, mas também a estrutura social que viabiliza a prática e os discursos que influenciam a produção textual e se mostram como um dos componentes mais estruturadores e subliminares do processo.

Busco, na ACG, uma forma de conhecer os gêneros, práticas e discursos nos quais os alunos se engajaram. Assim, a ACG assumiu um aspecto crítico-social que permitiu ir além da análise textual. O objetivo é tentar entender como acontece o engajamento dos alunos nos discursos e práticas e, conforme excerto apresentado neste trabalho, como se enunciam e evidenciam suas identidades através dos gêneros produzidos para o jornal escolar, clivados pela perspectiva histórico-local desses sujeitos aprendizes.

Através desse jornal escolar foi possível encontrar e entender certos aspectos que influenciaram sua produção, assim como que fatores tornaram tal produção possível. Os textos presentes nessas edições deste jornal contemplaram temas que envolveram a realidade local e as práticas sociais com as quais os estudantes-produtores estavam habituados a conviver.

Os temas desses textos foram escolhidos pelos estudantes (que são identificados aqui por nomes fictícios). Sabendo que teriam de dar preferência a temas que mostrassem sua realidade, eles escolheram os seguintes: trabalho na adolescência, futebol como prática saudável e gravidez na adolescência para a edição analisada. A escolha refletiu uma forma de colocar em questão temas que, além de circundar a realidade local, também estão relacionados a questões de relações sociais, de gênero e de poder.

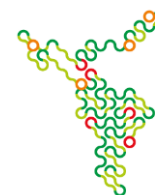
Como ponto de partida para a produção textual, a escolha dos temas permite demonstrar alguns aspectos que envolvem a realidade local e se configuram como uma tentativa de desenvolver uma prática crítica com eles sobre os discursos que circulam em sua comunidade. Essa prática tem seus limites, haja vista que o discurso não é algo que se ensina, mas algo sobre o qual se pode (e deve) refletir à medida que se constrói um pensamento crítico.



O interesse pelo tema ‘trabalho na adolescência’ surgiu porque o ano de 2012 era, teoricamente, o ano de fechamento do ensino fundamental. Apesar do rápido avanço no ensino fundamental, eles sabiam que seria difícil acompanhar o ensino médio regular e diziam que queriam trabalhar em vez de continuar estudando nos anos seguintes. Eles mostravam medo de voltar a estudar numa sala de aula regular (e com razão), talvez por saberem que salas de aula regulares são diferentes das de correção de fluxo, a começar pelo número diferente de disciplinas (quatro disciplinas na correção de fluxo contra 13 no primeiro ano do ensino médio).

A prática de “conseguir um emprego depois da escola” ou de “já que você não estuda, precisa trabalhar” atinge, especialmente, esses estudantes. Sabendo que antes dos 16 anos eles não poderiam trabalhar a não ser se vinculados a um programa de menor aprendiz, três alunas (Gabriela, Natália e Olga) sugeriram esse tema e acharam que ele seria também de interesse da turma e de outros colegas formandos. Elas trouxeram, então, informações sobre as possibilidades de trabalho para os estudantes dos anos finais do ensino fundamental, ou para os menores de 16 anos interessados em trabalhar. Percebe-se que para esses estudantes a necessidade de trabalhar é muito mais uma questão de sobrevivência que de aquisição de independência financeira. Aliando isso à dificuldade com a reintegração ao ensino regular, a procura pelo primeiro emprego se faz presente entre suas preocupações.

A produção desta edição ainda serviu como um teste para alguns dos estudantes que, apesar de estarem interessados no projeto, não entendiam que tipos de decisão precisavam tomar, quanto aos textos ou às tarefas a serem cumpridas. Por isso, o estudante Alexandre, que gostava demais de futebol, logo mostrou interesse pelo tema. No entanto, como ele sabia que o tema precisava estar relacionado à realidade dele ou da turma, pediu ajuda para definir sobre qual assunto, dentro desse tema, ele poderia escrever. Após uma conversa sobre os seus interesses, percebi que ele gostava de atividade física, mas não tinha condições financeiras de frequentar qualquer lugar que oferecesse uma atividade desse tipo. Após conversarmos sobre o assunto, surgiu a ideia de que o futebol praticado no pátio do condomínio também é uma atividade saudável e que muitos de seus colegas, inclusive ele mesmo, nunca tinham pensado sobre isso. Não é difícil de perceber que o texto de Alexandre reproduz um discurso de vida saudável que enaltece aqueles que se “mantêm em forma” e condena os sujeitos



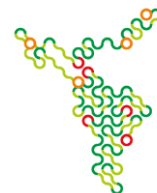
avessos a essa prática. O tema de sua produção textual, então, se tornou a prática de futebol como atividade física saudável.

A situação desses jovens que, mesmo morando em um bairro periférico, convivem com um alto padrão de vida que uma cidade a que eles vivem pode oferecer, tem se tornado difícil. A diversão do fim de semana desses e de muitos outros jovens é passear no *shopping*, um lugar inacessível para muitos. Depois da mudança para o Condomínio¹, um condomínio novo e até bem localizado, tendo em vista a distância do centro da cidade, sua condição financeira continua a mesma de quando moravam em casas pequenas em bairros um pouco mais distantes. Eles têm acesso ao que a sociedade oferece àqueles que dispõem de moeda de troca, mas muitos deles não têm. Assim, ao falar do futebol como uma prática saudável, Alexandre sabe das precárias condições de saúde dele e de muitos de seus colegas, mas ainda assim, manteve em seu texto a “recomendação” de procurar orientação de um médico e de um profissional de educação física antes de começar a praticar uma atividade física (informação que constava do texto-fonte). Em seu texto, Alexandre quis exaltar que a prática do futebol no pátio do condomínio é uma opção para aqueles que não podem pagar por uma academia, mas “esqueceu-se” de que a consulta médica é tão cara quanto uma mensalidade de academia. Esses jovens precisam aprender a conviver em uma sociedade que não faz questão da sua presença, que mantém seus atrativos visíveis a todos, mas acessíveis a poucos.

Outro tema levantado pela turma, e que entrou nessa primeira edição, foi o da gravidez na adolescência. A gravidez era um tema conhecido, pois muitos já namoravam e não gostariam de passar pela mesma situação de uma das colegas que teve um filho aos 14 anos de idade. O filho de Camila estava com quase dois anos. Inclusive, um dos textos dessa edição foi escrito por Camila, no qual ela conta sua história desde a gravidez até o nascimento do bebê. Já o texto sobre a gravidez na adolescência foi escrito por outro estudante, Lauro, que namorava há algum tempo e, por isso, apresentou certo interesse pelo assunto.

Foi possível perceber que o tema da gravidez, apesar de conhecido, é um tabu para esses jovens, mesmo para aquela que já é mãe. Eles têm vergonha de falar no assunto e talvez, pela falta de

¹ O condomínio foi construído pela iniciativa privada, com recursos do programa Minha Casa Minha Vida da Caixa Econômica Federal para famílias de até R\$ 1.400,00 de renda mensal. A secretaria municipal de Desenvolvimento Social fez a seleção dos inscritos de acordo com os critérios definidos pelo Ministério das Cidades e pelo Conselho Municipal de Habitação de Interesse Social.

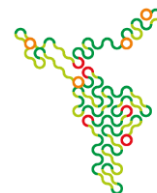


conversa com alguém mais experiente, seja proeminente o risco de uma ou outra gravidez na adolescência. O discurso machista é latente nesses jovens, pois os meninos se mostravam mais abertos a falar sobre o assunto, tendo em vista que um garoto escolheu falar sobre o tema. Já as meninas nem quiseram falar muito sobre e, quando perguntadas sobre sexo, apenas riam ou nada respondiam. Mesmo o aluno Lauro, que escreveu sobre o tema, apresentou dificuldade em pesquisar sobre o assunto ou em fazer perguntas quando tinha dúvidas. A fase inicial da produção foi polêmica, mas o resultado foi condizente com um trabalho árduo de quebra do discurso proveniente de uma sociedade machista. Com a publicação da história de Camila, os outros alunos entenderam um pouco mais o tema e, inclusive, estabeleceram alguma empatia com a colega-mãe.

Apesar de se interessar pelo assunto, de mostrar vontade de saber mais sobre as formas de evitar uma gravidez ou de saber o que fazer quando (ou se) acontecer uma gravidez, Lauro teve dificuldade em deixar seu texto mais próximo da realidade da turma. É compreensível, tendo em vista a complexidade do assunto e a inexperiência com este. Ainda assim, escrever sobre gravidez na fase da adolescência serviu para que a turma parasse para perceber as dificuldades que a colega Camila enfrentava diariamente. O texto mostrou que a gravidez não é como “brincar de casinha”, mas como estavam na adolescência, informações sérias não são levadas tão a cabo quanto deveriam. Além disso, o acesso à informação nem sempre é suficiente. A prova disso é que, apesar de expor as dificuldades em seu texto, Camila engravidou novamente. Ao final de 2013, ela estava grávida de seu segundo filho.

No texto de Camila é possível perceber que ela replica o discurso de algumas instituições, como o da igreja, por exemplo. Apesar do desespero em saber que estava grávida, em nenhum momento Camila pensou em não ter o seu “pequeno anjo”. Talvez seu pensamento tenha sido esse, mas por ser cristã nem tocou no assunto (ao menos, não no texto). Deve acreditar ser vergonhoso ou pecado: “só Ele dá e só Ele pode tirar”.

Camila replica bordões de comerciais que recomendam o uso de camisinha: “sexo é vida”; “sem camisinha não dá”; “proteja-se”. No entanto, essas mensagens, veiculadas diariamente, não foram suficientes para que ela e o parceiro usassem a camisinha nem na primeira, nem na segunda gravidez. Além disso, toda a dor sofrida com a notícia da primeira gravidez não serviu como experiência para evitar a segunda, aos 16 anos.



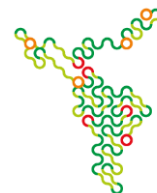
Considerações Finais

Sob o propósito de analisar as características evidenciadas nos textos produzidos por estudantes de uma turma de correção de fluxo de uma escola do ensino fundamental de Tubarão/SC, este trabalho evidencia as práticas identitárias desses estudantes e, para além disso, mostra como os jovens em questão são influenciados por discursos que os colocam abaixo das expectativas sociais.

Mesmo convivendo com discursos que controlam e, muitas vezes, anulam pensamentos ou modos de ser, esses estudantes mostram em seus textos que aquilo que as pessoas dizem sobre eles (o discurso como prática social) pode ser discutido, combatido e modificado. Seus textos evidenciam que aquelas características identitárias/representações sociais que lhes foram atribuídas não precisam ser tomadas como absolutamente verdadeiras, estáticas e/ou definitivas. Por conta disso, modificaram alguns de seus comportamentos e isso interferiu nos caminhos que tomaram durante e ao final do ano letivo. Mas é importante salientar, o fato de esses jovens terem demonstrado que suas identidades podem ser constituídas de maneira diferente daquela que a sociedade determina, não significa que tenham tomado consciência sobre a origem dessa constituição. Entretanto, através de seu comportamento, evidenciaram que, de alguma forma, podem assumir uma posição quanto a esses fatores constitutivos de suas identidades.

Um exemplo dessa primeira mudança de prática identitária é a própria produção do jornal escolar. Classificada pela escola tal como o ato de “tirar leite de pedra”, esses estudantes mostraram que são mais que os “rejeitados” que “não tem mais jeito”. Com a publicação do jornal, esses estudantes exerceram mudanças em suas identidades, mostrando para os colegas e para os professores que, apesar do estereótipo de rejeitados, eles eram capazes de produzir, modificando a prática escolar.

Outras modificações identitárias relevantes estão relacionadas às práticas de trabalhar ou de estudar. No início do ano letivo, a maioria da turma dizia que este seria seu último ano escolar, que no ano seguinte não sabiam o que fariam porque não tinham vontade de fazer nada. Antes mesmo do fim do ano letivo isso foi mudando: após a publicação do texto sobre programas de menor aprendiz, alguns desses estudantes procuraram por esses programas e ingressaram no mercado de trabalho. E, ao final do ano, após o término do ensino fundamental, ao menos metade da turma matriculou-se no



ensino médio para continuar estudando no ano seguinte. Essas são importantes mudanças sociais que se evidenciaram nas produções para o jornal escolar. Pequenos ajustes no discurso que circulava nos textos produzidos pelos estudantes levaram à mudança da prática social e, conseqüentemente, a outras práticas identitárias.

Referências

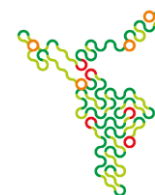
BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. de Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004/1979.

BHATIA, V. K. **Worlds of written discourse**: a genre-based view. London; Continuum, 2004.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad. de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

BONINI, A. Mídia, suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

LIMA, V. W. **A prática social no jornal escolar**: estudo do ponto de vista da análise crítica de gênero. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão.



O JORNALISMO ONLINE COMO FORMADOR DA MEMÓRIA LOCAL

Marli Paulina Vitali¹

Resumo: A relação entre jornalismo online e memória é o fator que permeia este artigo. O objetivo geral é compreender de que forma o jornalismo online contribui para a formação da memória individual e coletiva na cidade de Criciúma (SC). Conceitos como memória, jornalismo online e jornalismo hiperlocal fazem parte da discussão teórica proposta. Foi avaliada a reportagem especial “Viaje pelas ruas de Criciúma”, publicada na página do curso de Jornalismo da Faculdade Satc em junho de 2017. A reportagem traz um mapa interativo com dez ruas da cidade, contando a história de cada personalidade que dá nome à rua. Foi aplicado um questionário online verificando se o jornalismo hiperlocal fortalece a memória. Observou-se com as respostas que há esse fortalecimento, o público gosta de conteúdos interativos e tem disposição em ler mais notícias produzidas dessa forma.

Palavras-chave: Jornalismo online. Memória. Multimídia. Hiperlocal.

THE ONLINE JOURNALISM LIKE LOCAL MEMORY FORMER

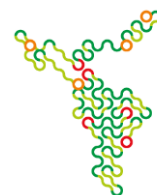
Astract: The relation between online journalism and the memory is the factor that pass throught this article. The geral goal is understand the way that online journalism contributes to the formation of the individual and collective memory of Criciúma City. Concepts like memory, online journalism and hyperlocal journalism are parto f the theoretical discussion proposal. It was evalueted the special reporting “Travel through the streets of Criciúma”, published on the Journalism course’s page of College Satc in june of 2017. The reporting bring a interactive map with ten streets from the city, talking about the history of each personality that gives name to the street. It was applied an online quiz checking if the hyperlocal journalism strengthens the memory. It was observed with the answers that there are this, the public likes the interactive content and had the willing to read more news wich were made that way.

Keywords: Online journalism. Memory. Mutimedia. Hyperlocal.

INTRODUÇÃO

Compreender de que forma o jornalismo online contribui para a formação da memória individual e coletiva entre os leitores, avaliando a produção de reportagens locais é a proposta central deste artigo. A relação entre jornalismo e memória está presente no cotidiano das redações e na

¹ Doutoranda em Jornalismo pelo PPGJOR/UFSC, professora da Faculdade SATC, Criciúma (SC)/ Brasil.



produção de notícias. Para entender um pouco mais sobre como se dá essa relação, a intenção é verificar de que forma a notícia auxilia na formação da memória, mais especificamente da memória local.

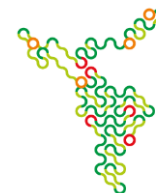
O jornalista não vive sem memória. É a ela que ele recorre inúmeras vezes quando está nos afazeres de seu trabalho. Não se situar enquanto conhecedor de fatos históricos compromete também o desenrolar da atualidade. O artigo quer responder ao seguinte **problema**: como o jornalismo online contribui para a formação da memória individual e coletiva? Para isso, parte-se do seguinte **objetivo geral**: compreender de que forma o jornalismo online contribui para a formação da memória individual e coletiva na cidade de Criciúma (SC). Os **objetivos específicos** são: destacar a relação entre jornalismo e memória; observar se a produção jornalística hiperlocal fortalece a memória.

Para avaliar como se dá essa relação entre jornalismo e memória, será aplicado questionário com estudantes do ensino médio e acadêmicos e professores de Jornalismo da cidade de Criciúma (SC), verificando como a memória pode ser ativada em uma reportagem jornalística. O objeto de estudo é a reportagem “*Viaje pela história das ruas de Criciúma*”, publicada na página do curso de Jornalismo da Faculdade Satc em 8 de junho de 2016. A reportagem traz a história de dez pessoas que dão nome às ruas da cidade de Criciúma, Sul de Santa Catarina.

Jornalismo e sua relação com a memória

O jornalista recorre à memória para dar vazão à sua produção. Quando há a necessidade de rememorar fatos, de fazer comparativos com eventos passados, de trazer informações que ajudem a compreender o momento atual, há a invocação da memória pelo profissional do jornalismo. Palacios (2014, p. 92) relembra que “o acionamento da memória é condição de produção em peças jornalísticas”, fazendo com que agreguem novos fatos a conteúdos que estão sendo explorados naquele momento.

Trazer a discussão sobre memória contribui para que se percebam cenários da atualidade e elementos complexos que fazem parte do cotidiano. Algo como explica Le Goff (2003, p. 471) ao destacar que “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”. Nessa função, o jornalista se encarrega de um de seus papéis, que é o de



fiscalizador da sociedade. Por meio de seu trabalho consegue fazer com que pontos da atualidade sejam revelados, trazendo para a discussão questões que nem sempre são lembradas pelas pessoas.

Mas, ao mesmo tempo em que traz recordações sobre o que é importante lembrar, a imprensa também deixa de lado outras situações. Isso vem ao encontro do que traz Barbosa (2016), quando argumenta que o ponto central da discussão da imprensa envolve lembranças e esquecimentos, algo que emerge na discussão ou que é deixado de lado. A autora trabalha com a expressão usada por Le Goff (1997, apud Barbosa, 2016) quando chama a imprensa de ‘senhores da memória’, por fazerem a seleção de fatos.

A memória possui as questões que cercam cada indivíduo. Ao mesmo tempo que tem suas características próprias, também é múltipla, coletiva e carregada de aspectos convergentes e contraditórios. Palacios (2010) argumenta que há semelhanças com o jornalismo, já que também ele traz a história contada em versões, não sendo definitiva ou completa.

Transmutado, no dia seguinte, em papel de embrulhar peixe, o jornal transforma-se também, para o olhar do historiador, em lugar de memória [...] valendo-se dos valores e parâmetros acadêmicos e metodológicos vigentes – (re)(a)presentar o passado como história. Incorporada no relato histórico, a memória deixa de ser memória para ser provisória verdade: verdade histórica, que vai durar até a próxima apropriação, até a próxima interpretação (PALACIOS, 2010, p. 41).

A ampliação de possibilidades em buscar a notícia, com o crescimento da web e de novos canais online, permite que o leitor/internauta tenha à disposição uma gama maior de opções. Se esse abastecimento de notícias se dava pelo rádio, depois pela televisão, hoje é pela internet que o fluxo maior de informações chega até o consumidor.

O acesso a mais conteúdo não prejudica o trabalho do jornalista. Com a web, o jornalismo viu ampliadas as possibilidades de atuação, a inclusão de novos formatos e produtos para o leitor/internauta. Como Palacios (2010, p. 44) argumenta que “a possibilidade de dispor de espaço ilimitado para a apresentação do material noticioso é a maior ruptura resultante do advento da web como suporte midiático para o jornalismo”. Neste artigo, trabalha-se com o webjornalismo, ou jornalismo online, usando a definição de Canavilhas (2014) como o jornalismo que é produzido pela internet.



Se anteriormente era possível buscar nos arquivos de jornais, rádios e emissoras de televisão, os dados necessários para se construir uma boa reportagem ou relembrar informações, hoje, os arquivos online permitem que essa busca se dê mais amplamente. Isso permite ainda que o próprio usuário faça sua busca de maneira mais detalhada e rápida, avaliando aquilo que ele considera interessante. Para Palacios (2010) efeitos dessa ‘digitalização da informação’ podem ser percebidos em pontos que ele traz. O primeiro deles é a mudança nas rotinas de produção que permitem ao jornalista a possibilidade de buscar em seus arquivos informações que deixarão a notícia ainda mais completa. Mudanças na forma de negócios, criando atrativos para o usuário, incorporação de novas narrativas que incluam áudios e vídeos, e ainda oferecer ferramentas para que o usuário crie seus espaços próprios de memória.

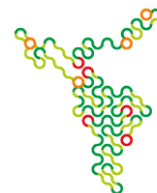
Essas são questões presentes no webjornalismo. É necessário que atrativos sejam incorporados para atrair a atenção do leitor, atenção essa que hoje é disputada com inúmeros outros pontos de atração. Não basta apenas uma boa reportagem jornalística, ela precisa ter atrativos que instiguem o leitor/internauta a se interessar pelo tema e acessá-lo.

A questão da contextualização assume particular importância na medida em que a natureza hipertextual da internet lhe permite o enriquecimento das notícias, contrariando assim um dos problemas do jornalismo actual: a compatibilização da velocidade da informação, com o espaço disponível e com a riqueza das informações disponibilizadas (CANAVILHAS, 2004, p. 7).

As inovações tecnológicas permitiram que se produzisse e consumisse notícias de uma maneira diferenciada. Embora tenha acesso a informações do mundo todo, o leitor/internauta tem curiosidade em manter-se informado sobre o que ocorre ao seu redor. Por isso, o jornalismo hiperlocal, que está próximo dele, é atrativo. Como Lima Junior (2016) defende, o início do conceito de jornalismo hiperlocal não é claro. Ele se refere à cobertura informativa sobre uma comunidade ou grupo próximo de pessoas.

Nossa discussão aqui demonstra que hiperlocalidade não existe como um ponto solitário em uma única avaliação. Em vez disso, ela é composta de avaliações em uma variedade de contínuos, que vão desde aspectos geográficos até as perspectivas de engajamento cívico (METZGAR; KURPIUS; ROWLEY, 2011, p. 785, tradução nossa).

As novas ferramentas tecnológicas também contribuíram para modificar o próprio conceito de hiperlocal. Conforme Paulino e Lima Junior (2015, p. 4), isso ocorre com a “introdução de novos



elementos tecnológicos digitais conectados oriundos dos processos de inovação, que permitem novas possibilidades da configuração da informação local”.

Na linha de frente dessas publicações estão conteúdos que possuem relevância para esse público. São informações de interesse local, que atraem o leitor/internauta porque são produzidas por pessoas próximas a eles, sejam jornalistas ou até mesmo representantes da própria comunidade. A isso, Paulino e Lima Junior (2015, p. 4) chamam de conteúdo que tenha relevância social para “compartilhar preocupações e necessidades da comunidade, com o objetivo de conhecer a melhor forma para resolver problemas locais que possuem interesse coletivo”.

As experiências que procuram trazer algo a mais para o público leitor são variadas. Zago (2009) lembra que essa prática se manifesta de inúmeras maneiras, sendo mantida por publicidade, investidores individuais ou contando ainda apenas com o trabalho de cidadãos colaboradores, como uma rede de contatos que abastece o meio. Para a autora, neste caso, o jornalismo colaborativo tem papel fundamental, permitindo que novos conteúdos locais sejam agregados, já que o jornalismo hiperlocal “é voltado para histórias e minúcias de uma vizinhança em particular, de um código postal ou de um grupo de interesse dentro de uma área geográfica circunscrita” (SHAW, 2007, apud ZAGO, 2009, p. 4).

Viaje pelas ruas de Criciúma

Entender como o jornalismo online contribui para a formação da memória individual e coletiva é a proposta norteadora deste artigo. Para isso, foi necessário trazer um pouco dos conceitos de memória e sua relação com o jornalismo, especialmente o webjornalismo, para compreender como se dá essa relação. No formato atual a página jornalismo.satc.edu.br reúne a produção dos acadêmicos de Jornalismo¹ da Faculdade Satc, de Criciúma, sul de Santa Catarina. Desde 2010, os trabalhos dos estudantes são publicados online, mas foi a partir de março de 2017 que a página específica do curso reuniu exclusivamente essa publicação. A proposta da página é reunir documentários de radiojornalismo, telejornalismo e reportagens especiais produzidas nas disciplinas do curso e também

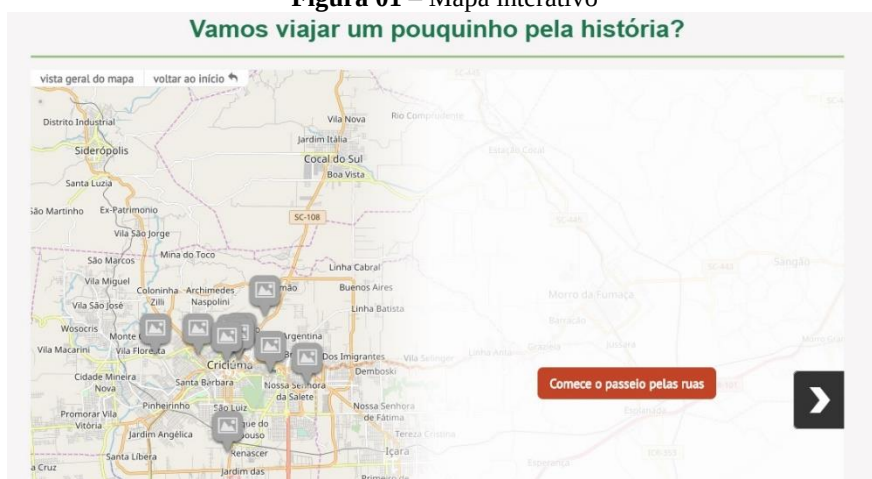
¹ O curso existe desde 2007.



pelos estagiários contratados². A reportagem “*Viaje pelas ruas de Criciúma*”³ foi publicada em 8 de junho de 2017 e será analisada neste artigo. A produção é do estagiário acadêmico Vitor Netto, com supervisão da professora orientadora Karina Farias e montagem do layout e programação feitos pelo *Full Stack Developer*⁴ e professor Elias Rafael.

Na parte de programação, o webdesigner utilizou a plataforma StorymapJS, que permite a inclusão de dados em um template ajustável. A programação foi desenvolvida em HTML e CSS, que possibilitam manipular alguns comportamentos da página, como os efeitos visuais. As linguagens facilitam a inserção dos dados fornecidos pelo repórter e permitem que o conteúdo seja ajustado para dentro do site do Jornalismo⁵.

Figura 01 – Mapa interativo
Vamos viajar um pouquinho pela história?



Fonte: reprodução site jornalismo.satc.edu.br

Com uma navegação diferenciada, a reportagem especial apresenta dados históricos sobre a formação de Criciúma, colonizada a partir de 1880, trazendo a história de dez personalidades que dão nomes às ruas formadas a partir desse centro colonizado. O texto também apresenta os livros

² FARIAS, Karina. Jornalista e professora orientadora do jornalismo.satc.edu.br. Entrevista à autora em jan. 2018.

³ Veja a reportagem completa em: <http://jornalismoespecial.satc.edu.br/viaje-pela-historia-das-ruas-de-criciuma.html>.

⁴ O termo é utilizado para designar o profissional que atua a programação e montagem visual dos sites.

⁵ RAFAEL, Elias. Webdesigner e professor da Faculdade Satc. Entrevista à autora em jan. 2018.

pesquisados que deram suporte ao levantamento de dados feito⁶. A partir de um texto de abertura, que traz essas informações, o leitor é convidado a navegar em um mapa interativo, que traz a história dessas pessoas que dão nomes às ruas de Criciúma, contando um pouco de sua trajetória. Também há uma foto da rua na atualidade.

Figura 02 – Uma das ruas em destaque
Vamos viajar um pouquinho pela história?



Fonte: reprodução site jornalismo.satc.edu.br

Um questionário online foi aplicado para avaliar se o jornalismo, no caso aqui o webjornalismo, contribuem para a formação da memória individual e coletiva. Foram elaboradas nove perguntas, seis com escolha simples e três em que foi permitido escrever algo sobre o assunto. O questionário foi direcionado via e-mail para estudantes do ensino médio, acadêmicos e professores do curso de Jornalismo. Foram obtidas 13 interações com o público, envolvendo oito pessoas com idades entre 15 e 30 anos e cinco acima de 31 anos. Nas formas de acesso, a maioria (69,2%) utilizaram o celular para ler a reportagem. Isso corrobora com o que defende Lima Junior (2016) ao ressaltar que os dispositivos móveis contribuíram para facilitar o acesso à informação, mas também para fazer com que o processo de produção e complementação da notícia seja realizado por esse público, que participa ativamente.

⁶ Foram utilizados os autores: Archimedes Napolini Filho, Pedro Milanez, Henrique Dauro Martignago, Manif Zacharias e Luiz Carlos Rosso na pesquisa para a reportagem.



Em duas perguntas houve unanimidade pelo sim, quando questionados sobre a relevância do texto de abertura da reportagem, em que há a contextualização e explicação do tema, e se gostaria de ler mais reportagens que tragam aspectos históricos de Criciúma. Há um interesse único em aprender mais sobre a história da própria cidade, algo como afirma Lima Junior (2016, p. 130):

Quando os cidadãos podem obter informações locais relevantes socialmente e de forma estruturada, esse ambiente permite uma melhor tomada de decisões e a sensação de pertencimento se fortalece, fazendo as comunidades agirem em conjunto nas tomadas de decisões.

Saber um pouco mais sobre sua história permite que o leitor/internauta compreenda mais sobre sua realidade. Na pergunta “Conhecia a história de algumas das personalidades que dão nomes às ruas?” 53,8% afirmaram que não, fazendo com que se perceba que embora passem cotidianamente por essas vias, o nome que elas trazem permanece desconhecido. Saber quem foi João Zanette, Luiz Lazzarin ou Marcos Rovaris é interessante e desperta a curiosidade. Tanto que as respostas à pergunta “Qual a história que você mais gostou de conhecer?” trazem respostas diferenciadas, mostrando que o significado é muito particular. Isso vem para reforçar o que Palacios (2014, p. 42) argumenta ao dizer que “o trabalho de memória é uma recorrência na construção do retrato do presente, cotidianamente produzido pela atividade jornalística em nossas sociedades”.

Cabe ao profissional do jornalismo contribuir para que esse tipo de informação histórica não caia no esquecimento. Saindo das aulas de História, em que são repassados dados sobre a formação da cidade, o leitor acaba deixando de lado a busca por lembrar desses acontecimentos. Mas isso desperta sua curiosidade. No questionamento feito sobre se “você costuma ler esse tipo de reportagem na mídia local?” 61,5% disseram que sim, revelando o interesse em buscar esse tipo de informação jornalística.

Para se ter um bom produto no jornalismo online, Canavilhas (2014) defende que a qualidade dos conteúdos seja fator predominante, tirando proveito das características que o meio, no caso a web, possui. Mas, além disso, é necessário criar rotinas para que o leitor/internauta possa navegar com facilidade. Na questão que observou a usabilidade, perguntando se o entrevistado gostou e por que, foram obtidas 11 respostas. Em apenas uma delas foi apontado algo negativo, afirmando que o mapa interativo não teve bom desempenho no aparelho celular.



Nas demais respostas a interatividade é apontada como algo positivo porque deixa a reportagem mais fácil de ser compreendida. “É interativa, localiza o leitor na cidade, além de gerar envolvimento e curiosidade”, apontou um entrevistado. Além disso, os aspectos históricos sobre a cidade também são destacados. “Nos fez conhecer ainda mais a história de nossa cidade”, destacou outro entrevistado.

Despertar a curiosidade do leitor é uma das tarefas diárias do jornalista. É para isso que se volta o jornalismo hiperlocal, que procura dar vazão às notícias que a grande mídia deixa de lado (ZAGO, 2009). São informações que têm relevância para aquela comunidade, que despertam a sua curiosidade.

Considerações

“A notícia perde a sua natureza perecível e ganha uma segunda vida, afastando-se do conceito base que levou à sua produção: a novidade. Feita história, a notícia ganha novas propriedades e passa a constituir uma unidade de memória” (CANAVILHAS, 2004, p. 7). Deixar de ser apenas o ‘papel pra embrulhar peixe’, como era dito do jornal do dia anterior, para se tornar referencial de pesquisa, fonte de memória de uma sociedade. O desafio do jornalista é diário, não apenas para produzir boas reportagens, mas para deixar informações relevantes para que seu público tenha como e onde pesquisar.

Na proposta inicial deste artigo, pretendia-se avaliar como o jornalismo online contribui para a formação da memória individual e coletiva, observando uma reportagem produzida em Criciúma. Apesar de se tratar de um recorte, local e específico, é possível ver como o jornalismo contribui para a formação dessa memória. Como observado na resposta de um dos participantes: “Gostei, pois conheci um pouco sobre as ruas da minha cidade”. O jornalismo traz, em sua essência, informações que passam despercebidas do grande público e cumpre sua tarefa, avaliada aqui, como fortalecedora da memória local.

Embora, com as novas tecnologias que ampliaram o acesso das pessoas às informações, ainda há espaço para notícias que tenham relevância local. Por isso é fundamental que veículos que atuem



com o jornalismo hiperlocal continuem desenvolvendo suas atividades, se aproximando cada vez mais das necessidades de seu público.

Referências

BARBOSA, Marialva. **Meios de comunicação: lugar de memória ou na história?** Contracampo, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr./jul., 2016. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/802>. Acesso em 3 jan. 2018.

CANAVILHAS, João (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Livros LabCom. 2014.

_____, João. **A internet como memória.** Universidade da Beira Interior. 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 5ª Ed, 2003.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. **Dispositivos móveis e APIs na construção do Jornalismo Hiperlocal.** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 36, p. 121-141, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/53096>. Acesso em 7 jan. 2018.

METZGAR, E. T.; KURPIUS, D. D.; ROWLEY, K. M. **Defining hyperlocal media: proposing a framework for discussion.** New Media & Society, [S.l.], v. 13, n. 5, p. 772-787, 2011.

PALACIOS, Marcos. **Memória: Jornalismo, memória e história na era digital.** In: CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Livros LabCom. 2014.

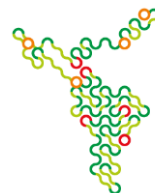
_____, Marcos. **Convergência e memória: jornalismo, contexto e história.** Matrizes [en linea] 2010, 4 (Julio-Diciembre) : Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143016764002> ISSN 1982-2073.

PAULINO, Rita; LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. **Modificações nos processos de participação no Jornalismo Hiperlocal em função de dados locais, dispositivos móveis e visualizações em tempo real.** SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande – UFMS – Novembro de 2015. Disponível em: <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/viewFile/4676/1147>. Acesso em 8 jan. 2018.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Informações Hiperlocais no Twitter: produção colaborativa e mobilidade.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII



Universidade do Extremo Sul Catarinense
III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e
Educação
Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América



Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2122-1.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2018.



COMUNICAÇÃO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO E FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DE ELITES NO MARANHÃO

Ingrid Pereira de Assis¹

Resumo: Este artigo apresenta parte das apreensões de uma pesquisa desenvolvida durante o mestrado em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Seu foco é no uso dos meios de comunicação como estratégia de fortalecimento de uma identidade para ascensão e a reconversão da notoriedade obtida, por meia dela, em poder nos espaços: econômico, político e intelectual. Utilizou-se como procedimentos metodológicos entrevistas em profundidade, para reconstrução das trajetórias dos agentes pesquisados, e análise de discurso a partir de coleta realizada em um blog pertencente à um membro de uma família, para perceber as estratégias de reprodução acionadas por um caso exemplar de família de origem libanesa que migrou para o Estado do Maranhão. Exemplar, pois, as apreensões extraídas desta análise podem ser aplicadas a outros casos semelhantes no Estado.

Palavras-chave: Poder. Estratégia. Imigração. Comunicação.

COMMUNICATION AS A STRATEGY FOR TRAINING AND STRENGTHENING THE IDENTITY OF ELITES IN MARANHÃO

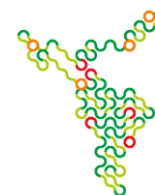
Astract: This article presents part of the apprehensions of a research developed during the master's degree in Social Sciences, at the Federal University of Maranhão (UFMA). Its focus is on the use of the media as a strategy to strengthen an identity for ascension and the reconversion of the notoriety obtained by half of it in power in the economic, political and intellectual spaces. Methodological procedures were used as in-depth interviews, to reconstruct the trajectories of the researched agents, and discourse analysis based on the collection carried out in a blog belonging to a member of a family, in order to understand the reproduction strategies triggered by an exemplary case of family of Lebanese origin that migrated to the State of Maranhão. Exemplary, therefore, the apprehensions extracted from this analysis can be applied to other similar cases in the State.

Keywords: Power. Strategy. Word. Immigration. Communication.

Introdução

Falar de imigrantes no Brasil, especificamente libaneses, é ter em mente todo um processo de deslocamento e, posterior, assimilação de estratégias de reprodução que acarretam em uma

¹ Bolsista Capes. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, Brasil; mestre em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão; e bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo, também pela UFMA. E-mail: ingrid.p.assis@hotmail.com.



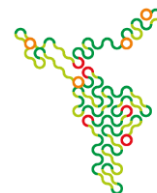
reconversão e consagração esses agentes. E, embora esta consagração esteja relacionada aos espaços econômico, político e intelectual, não se pode deixar de perceber a interferência no espaço midiático. Esta pesquisa faz parte de outra mais ampla, desenvolvida no mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, cujo objetivo foi analisar como alguns membros de famílias de descendentes de libaneses no Maranhão conseguem converter a ascensão econômica em afirmação política. No entanto, a opção por recortar, especificamente, o espaço midiático se deu, primeiramente, para aproximar e tentar trabalhar de forma interdisciplinar duas áreas: a Comunicação Social (Jornalismo) e as Ciências Sociais; e, por fim, para estimular discussões relacionadas à mídia, identidade e poder.

Na pesquisa¹, que deu base para este artigo, foi realizada a análise da trajetória dos agentes, para entender quais estratégias de reprodução, reconversão e consagração estes descendentes de imigrantes libaneses, excepcionalmente bem-sucedidos, utilizam para alcançar posições de destaque nos espaços econômico, político, intelectual e midiático. Primeiramente, fez-se a coleta das possibilidades de objetos que serviriam para esta análise. As famílias de imigrantes libaneses no Maranhão são muitas, por isso, partiu-se para a delimitação do número de agentes a serem estudados, usando como critério o fato de que deveriam ser famílias com membros que ocupam ou ocuparam alguma posição política no Estado (neste caso, foram representantes das famílias que aqui serão nomeadas como X, Y e Z²).

Para este artigo, será usado um dos casos exemplares analisados, que é o da família X. Este acaba sendo muito relevante por estar presente nos mais diversos espaços: econômico, político, intelectual e midiático. Trata-se de um caso exemplar por sustentar a construção de um imaginário coletivo de sucesso. Este arquétipo permite observar o movimento de ascensão social e afirmação econômica no Maranhão, tendo a família iniciado com o destaque econômico obtido por meio do comércio, e feito posterior direcionamento dos benefícios obtidos no espaço econômico para o mundo

¹ Esta pesquisa original fez parte dos trabalhos desenvolvidos no Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC), que é vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia e ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e cujos professores responsáveis são Eliana Tavares dos Reis e Igor Gastal Grill.

² Letras usadas para preservar a identidade dos membros das famílias analisadas.



político, por João X³, que começou sua carreira política em 1945, e o filho dele José X⁴, já na década de 1980. Além, claro, do destaque no mundo intelectual e midiático, que marca a trajetória de José X. Vale ressaltar que o exame dos itinerários destes agentes permitiu perceber que as estratégias para a mobilidade ascensional e transformação em “elite” independem do momento histórico vivenciado, estando, ao que parece, mais atreladas às propriedades do espaço político.

Como base para tal análise, foi utilizada a pesquisa desenvolvida pelo professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Igor Gastal Grill, publicada no livro “Amazônia: desenvolvimento, meio ambiente e diversidade sociocultural” (2009). Intitulado “Descendentes de Imigrantes na política do Rio Grande do Sul e do Maranhão: ascensão social, afirmação eleitoral e cooptação política”, o artigo, que traz os resultados da pesquisa, mostra que, tanto o “processo de entrada na política desses agentes (descendentes de imigrantes), como as tentativas mais ou menos eficazes de reprodução dos seus ‘grupos familiares’ em posições eletivas só é possível mediante o exame das cadeias de rivalidades e alianças que estabeleceram com outros agentes pertencentes a camadas sociais mais ‘antigas’ e mais ‘recentes’ na política” (2009, p. 137).

No artigo de Grill (2009), nomes de representantes políticos descendentes de imigrantes, aparecem em um quadro sinóptico, no qual são descritas as bases sociais dos agentes e os cargos políticos que ocuparam. Tratam-se de “perfis representativos” que permitem observar uma “mobilidade circular”, controlada por segmentos mais tradicionais “via processos de cooptação”⁵. O autor analisa, comparativamente, as cadeias de rivalidades e alianças de políticos descendentes de imigrantes do Rio Grande do Sul e do Maranhão. Grill examina as estratégias de transmissão do patrimônio familiar, os investimentos em patrimônio escolar e econômico e o acúmulo de capital social pelos agentes estudados. Com a comparação entre as trajetórias dos agentes de dois Estados diferentes, ele consegue identificar semelhanças, como as três formas de afirmação no espaço social (de agentes provenientes de famílias já estabelecidas; de agentes de famílias que ascenderam na

³ Nome fictício.

⁴ Também nome fictício.

⁵ Grill (2009, p. 226) usa a definição de Garraud: “No domínio político, a cooptação constitui um modo de recrutamento particular resultando de uma seleção interna e prévia aos jogos e aos mecanismos eleitorais, os quais apenas ratificam e legitimam uma escolha anterior”. Aqui, noção é empregada no mesmo sentido.



primeira metade do século XX, descendentes de imigrante; e agentes oriundos das camadas mais baixas, economicamente, da sociedade) e a tendência à profissionalização política a partir do ingresso precoce na carreira, ou seja, entre 18 e 30 anos (GRILL, 2009).

É possível perceber, então, que mesmo tão diferentes social, política e economicamente, o Maranhão e o Rio Grande do Sul apresentam semelhanças com relação às diferentes formas de afirmação social de agentes que adentram o espaço político. Mobilizando um esquema analítico semelhante, esta pesquisa foca na relação do espaço midiático neste processo de mobilidade ascensional de alguns descendentes de imigrantes libaneses no Maranhão, sobretudo, os que se destacaram no espaço político.

Também, serviram de base para esta pesquisa as reflexões de Pierre Bourdieu. Para este autor, os agentes podem mobilizar recursos multidimensionais e legitimar suas dominações em diferentes espaços. Para analisar como esses agentes ocupam dadas posições e se deslocam no espaço social, conseguindo estar em mais de uma posição de destaque, utilizou-se a análise de trajetórias sociais, proposta por Bourdieu (2002a, 2002b e 2004), partindo de procedimentos metodológicos como entrevistas em profundidade e análise documental.

Dessa forma, é por meio da reconstrução da trajetória desses agentes que se pretende compreender a formação deles como políticos no espaço familiar. Também por ela, é possível perceber quais estratégias são acionadas (consciente ou inconscientemente) por esses agentes e que acabam contribuindo, decisivamente, para a ocupação e destaque em certos ambientes sociais, como o espaço midiático. Pierre Bourdieu, notadamente, permite entender de quais modos a dominação pode ser ativada ao longo de diferentes gerações de uma família. Ele lista: estratégias matrimoniais, de sucessão, educativas, econômicas, de reconhecimento simbólico, de sociodidécias, dentre outras. Para o autor, nos momentos necessários e oportunos, os agentes ativam essas formas de perpetuar o poder, seja ele econômico, simbólico, intelectual ou político. Segundo Bourdieu:

Las estrategias de reproducción constituyen un sistema y, con ese título, están al principio de suplencias funcionales y de efectos compensatorios ligados a la unidad de función; las estrategias matrimoniales pueden, por ejemplo, suplir al fracaso de las estrategias de fecundidad. Del hecho de que ellas se aplican en puntos diferentes del ciclo de vida como proceso irreversible, las diferentes estrategias de reproducción están también cronológicamente articuladas, cada una de ellas, debiendo en cada momento contar con los resultados esperados por aquella que le ha precedido o que tiene un alcance temporal más corto: es así, por ejemplo, que en la tradición béarnesa, las estrategias matrimoniales



dependen muy directamente de las estrategias de fecundidad de la familia, por intermedio del número y del sexo de los hijos, pretendientes potenciales a una “dote” o a una compensación; pero también de las estrategias educativas, en las que el éxito era la condición de la aplicación de estrategias buscando separar de la herencia a las hijas y a los hijos menores (unas a través del matrimonio apropiado y los otros a través del celibato o la emigración) y en fin, de las estrategias propiamente económicas buscando entre otras cosas el mantenimiento o el aumento del patrimonio (2002, p. 7).

O autor explica que as estratégias de reprodução constituem um sistema. Sendo assim, entre as diferentes estratégias pode haver um efeito compensatório, para suprir o fracasso de uma estratégia aciona-se outra. Além disso, elas estão cronologicamente articuladas de forma que o resultado dessa articulação é a manutenção ou aumento do patrimônio. “Essas estratégias orientam-se seja para a conservação da estrutura seja para a sua transformação, e pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição” (BOURDIEU, 2004, p. 29). Para compreender como cada estratégia é acionada pelos agentes e como isso permitiu que eles conseguissem chegar à determinada posição política, fez-se necessário reconstruir as trajetórias de algumas personagens envolvidas nesse processo de chegada ao Maranhão. Esta reconstrução faz-se importante para compreender, inclusive, o uso da comunicação neste processo.

Dessa forma, na pesquisa macro que deu origem a este artigo, são mostrados os casamentos realizados por alguns membros das famílias pesquisadas e explicado de que forma isso ajuda na manutenção e, por vezes, no aumento do capital econômico e social familiar. É explicitada, também, a mudança no modelo de formação escolar, que passa a valorizar paulatinamente o diploma, o que contribui para a legitimação familiar em um espaço social que está cada vez mais objetivado. “...os diplomas escolares são para o capital cultural o que a moeda é para o capital econômico. (...) O diploma escolar, à semelhança da moeda, tem um valor convencional, formal, juridicamente garantido, portanto, livre das limitações locais” (BOURDIEU, 2002, p. 198).

Este investimento no capital escolar e as alianças matrimoniais terão como consequência uma ampliação das relações sociais desses agentes, que vão influenciar, inclusive, no espaço midiático alcançado, como se poderá ver mais à frente. Recorrendo às formulações de Carl H. Landé é possível trabalhar com a sua concepção de relação diádica, que para esta pesquisa é importante para entender as relações que viabilizam os cargos ocupados, como essas relações se dão, se são horizontais ou



verticais, como são construídas e de que forma são úteis para os agentes em questão. Segundo Carl H. Landé: “Uma relação diádica, no seu sentido de ciência social, é uma relação direta envolvendo alguma forma de interação entre dois indivíduos. A palavra chave nessa definição é direta. Implica ligação pessoal” (1977, p. 1). Vale destacar que “distingue uma relação diádica de uma relação na qual dois atores estão ligados um ao outro indiretamente como uma consequência do fato de ocuparem lugares ou posições que estão interligadas ou de serem membros de um mesmo grupo” (1977, p. 3). Lembrando que dois indivíduos podem estar ligados em relações diádicas e não-diádicas ao mesmo tempo.

À frente, serão mostradas as relações estabelecidas por João X e José X, que vão oportunizar a eles possibilidades econômicas, oportunidades políticas e midiáticas. Em alguns casos, essas relações diádicas possibilitam a eles ocupar cargos públicos, obter financiamento político, concessões públicas de rádios e TV’s etc. “As relações sociais informais são responsáveis pelos processos metabólicos necessários para que se mantenha a instituição formal em operação” (WOLF, 2003, p. 94). A análise das alianças diádicas, dos matrimônios e dos investimentos educacionais e econômicos dos agentes analisados, permite compreender de que forma acontece essa transmissão da herança política, mecanismo que pouco está relacionado à ideia de vocação natural, tão defendida entre os agentes. Segundo Canêdo: “...a vocação exigida para a participação no campo político não tem nada de natural: o *habitus* do político depende de uma preparação especial. Algo como iniciação com provas e ritos de passagem para inculcar o domínio prático de toda a produção acumulada pelo trabalho político dos profissionais antigos” (1991, p. 222).

Neste processo de transmissão, a avaliação social de um membro, acaba recaindo sobre a família como um todo. Por isso, essas famílias ficam conhecidas na sociedade local e os feitos de um membro acabam sendo convertidos em notoriedade para todos do grupo. Como destacou Grill, em estudo sobre a construção de “heranças políticas”, a edificação dos “nomes” que conferem valor simbólico aos “grupos” decorre da “possibilidade de maximizar o reconhecimento desfrutado pela ‘família’ e suas inscrições na memória local por meio da valorização do ‘nome’, da ‘imagem’, dos ‘feitos’ e, sobretudo, dos ‘fundadores’ e ‘sucessores’ da ‘tradição política familiar’” (2008b, p. 64). Ou seja, constituem “estratégias de reconversão do capital simbólico acionadas a partir do ‘nome’”, mediante a seguinte combinação de lógicas:



...a apresentação da biografia coletiva, sobretudo no que se refere aos cargos e posições ditas públicas, e a reivindicação da posse pela ‘família’ de valores ou atributos morais. Ambas são inseparáveis nas estratégias das ‘famílias’ e nas narrativas. A conduta pública é a base da comprovação de valores morais, e a sedimentação desses valores é percebida como ‘qualidades inatas’ e pertencentes à ‘família’ (GRILL, 2008b, p. 68).

Nesta pesquisa, fez-se necessário, também, conhecer o patrimônio dos membros das famílias, bem como as profissões seguidas por seus integrantes, além das ações que enaltecem o valor simbólico familiar. Isto ajudará a entender porque essas famílias conseguiram certas alcunhas: “excelentes comerciantes”, “famílias de políticos”, “famílias muito ricas”. Sendo isso vinculado ao fato de serem descendentes de libaneses.

A filiação a uma família não define apenas a medida de crédito social de alguém. Ela também estrutura a natureza dos recursos sociais sob o comando dessa pessoa em operações envolvendo não-parentes. As relações de parentesco têm duas vantagens sobre as de não-parentesco nesse tipo de manobra. Em primeiro lugar, elas são o produto da sincronização social realizada no curso da socialização. A relação privada de confiança pode assim ser traduzida, no domínio público, como cooperação (WOLF, 2003, p.101 e 102).

Em resumo, o autor explica que o pertencimento a uma dada família está relacionado aos recursos sociais que determinado agente pode acionar. Além disso, ele destaca que as relações de parentesco podem culminar em cooperação no espaço público. Como a própria generalização com relação aos integrantes da família X permite perceber, ser “um X” implica não apenas em carregar o sobrenome, mas todo o conceito de família economicamente bem sucedida o que, em alguns momentos, pode, até mesmo, abrir portas no espaço social.

Outro conceito trabalhado por Eric Wolf fundamental para essa pesquisa é o de amizade instrumental. Nesse tipo de relação, pesam o afeto entre os envolvidos, e, sobretudo, os benefícios que se pode obter por meio dela (WOLF, 2003). Ao longo da trajetória dos representantes políticos das famílias selecionadas para esta pesquisa, será possível perceber que, em alguns momentos, essas amizades instrumentais possibilitarão para eles benefícios econômicos e políticos.

Vale ressaltar que certas alianças, como as amizades instrumentais, por vezes, são transmitidas, tal qual um patrimônio familiar, entre os herdeiros políticos. José X, por exemplo, relata as amizades “herdadas” do pai, como poderá ser observado mais à frente. Grill (2008b) destaca a esse respeito que há uma retroalimentação entre socialização e acessos derivados da familiaridade com o meio. Isto é, por um lado, a relevância “na diferenciação entre os pares” da “familiaridade com meio



político (...) rituais e linguagens”, além “do contato com políticos na esfera doméstica”. Por outro lado, tal “familiaridade” oportuniza “acessos (a postos, nominatas, cargos, órgãos, imprensa, etc.)” e “potencial de trânsito dos agentes no espaço social e político” (GRILL, 2008b, p. 64). Isso permite compreender que no momento de o agente ser selecionado para adentrar o espaço político e nas diferentes etapas da carreira, as alianças e amizades instrumentais são importantes. Sendo que muitas delas são decorrentes do pertencimento familiar. Todas essas articulações, acionamentos das amizades instrumentais, utilização de estratégias para a transmissão de poder político e econômico entre integrantes de famílias descendentes de libaneses são realizados em um contexto mais amplo, marcado, sobretudo, pela presença de uma forte estrutura que foi adjetivada de “oligárquica”.

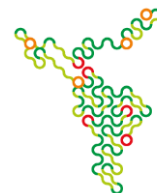
Sendo assim, no período no qual muitas dessas famílias vivenciam o crescimento econômico, a política do Maranhão é marcadamente controlada por alguns segmentos estabelecidos social e politicamente, ou seja, monopolizada por grupos políticos familiares e marcada pela dominação personalizada. Entre a entrada e saída de Victorino Freire⁶, de José Sarney⁷ e seus aliados, de Jackson Lago⁸ e o retorno de Roseana Sarney⁹, o pesquisador Flávio Reis defende que não há uma superação do sistema oligárquico, mas, sim, crises intra-oligárquicas e revezamento de grupos políticos ávidos pelo poder. Segundo o autor: “A crise na oligarquia liga-se fundamentalmente à crise do Estado, mas as respostas não têm se processado de maneira a incorporar e dinamizar novas formas institucionais, para além das antigas práticas oligárquicas de apropriação. Ao contrário, de certa maneira podemos perceber uma nova roupagem das velhas práticas de loteamento e composição parlamentar” (REIS,

⁶ Victorino Freire chegou ao Maranhão na década de 1930 e exerceu cargos políticos vinculados ao Maranhão por quase 30 anos. Tal período ficou conhecido como Vitorinista, que foi derrotado pelos Oposicionistas, grupo de José Sarney.

⁷ José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e foi o presidente do Brasil, entre os anos de 1985 a 1990. Foi governador do Estado do Maranhão de 1966 a 1971. Foi eleito presidente do senado nos anos de 1995, 2003, 2009 e 2011. A eleição de Sarney para governador do Maranhão, no ano de 1965, foi apontada como responsável pelo fim da oligarquia Vitorinista no Maranhão.

⁸ Jackson Kléper Lago, filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), foi governador do Maranhão, de 2007 a 2009, quando teve seu mandato cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), passando a assumir o cargo Roseana Sarney, que havia sido derrotada. Foi prefeito de São Luís de 1989 a 1992, de 1997 a 2000 e de 2001 a 2002.

⁹ Roseana Sarney é filha do ex-presidente da República, José Sarney, e irmã do deputado federal, Sarney Filho, e do empresário, Fernando Sarney. No ano de 1990, candidatou-se à deputada federal pelo Partido da Frente Liberal (PFL) e foi eleita. Foi eleita governadora do Maranhão em 1994 e 1998. Em 2006, foi candidata pela terceira vez ao governo do Maranhão, mas perdeu para Jackson Lago. Em abril de 2009, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) cassou o mandato de Jackson Lago por abuso de poder econômico e político nas eleições de 2006. Com a cassação, foi ordenada a posse de Roseana Sarney como governadora do Maranhão. Em 2010, Roseana Sarney voltou a ser eleita para o cargo de governadora do Maranhão e, na eleição seguinte, foi substituída por Flávio Dino.

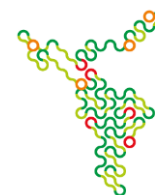


2007, p.16). E é neste contexto político que as famílias de descendência libanesa são cooptadas após o sucesso empresarial, conforme observa Grill (2008a): “No segundo estado (Maranhão), há igualmente a obtenção de notoriedade advinda do sucesso empresarial, porém essa proporciona a fixação na capital e a cooptação para o exercício de cargos políticos, para a direção das máquinas políticas estaduais e para as candidaturas” (2008a, p.17).

Com efeito, esses descendentes de imigrantes passam a fazer parte dos grupos políticos e, aos poucos, familiares, por meio da constituição de matrimônios com as famílias já estabelecidas no espaço político local. Paralelamente a esse movimento, entram em jogo as estratégias de dominação já mencionadas. É importante frisar que esses agentes ao adentrarem os espaços públicos e políticos, na maioria das vezes, o fazem já inicialmente em cargos de alto escalão ou em cargos eletivos centrais. Suas trajetórias nesses espaços já começam no topo. E são justamente essas posições ocupadas que servem de instrumento de cooptação para os grupos estabelecidos.

Outra questão importante de ser abordada é que tais agentes defendem uma relação com dada etnia e se reconhecem enquanto imigrantes ou descendentes. A migração é a inserção de um indivíduo em uma cultura diferente da sua, por isso, surgem questões relativas à adaptação e, no caso da imigração libanesa para o Maranhão, o destaque social, econômico e político obtido por alguns desses indivíduos, que acaba se tornando a identidade da etnia como um todo, em uma sociedade diferente da de origem. Dessa forma, paralelamente à discussão sobre as estratégias de afirmação social mobilizadas pelos agentes e a importância de suas relações diádicas (LANDÉ, 1977) para a obtenção de acessos, faz-se necessário refletir sobre a questão da identidade desses agentes enquanto pertencentes a um grupo específico, que, neste caso, trata-se da descendência libanesa, e a ideia difundida de serem bons comerciantes, políticos exímios e bons negociadores, enquanto uma identidade imprimida por eles mesmos em suas estratégias de auto consagração. Isto acaba por ser assimilado pela sociedade como algo inato da etnia. Tal concepção é fortalecida pelos agentes nos respectivos canais comunicativos dos quais detêm propriedade ou têm forte vínculo com os proprietários.

A identificação com a etnia libanesa é um aspecto relevante para esta pesquisa a partir do momento que serve de mecanismo de identificação e produção de um grupo que cria símbolos de solidariedade, reconhecimento e mobilização, tal como ocorre com os agentes estudados. Rogers

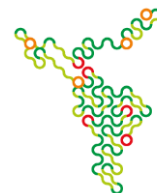


Brubaker e Frederick Cooper (2001) explicam que o conceito de identidade é usado de tantas formas diferentes, mas eles concebem identidade enquanto uma categoria analítica. A expressão identidade é utilizada por eles para dar sentido às suas atividades, ao que eles compartilham entre si e ao que os difere dos demais. Ao mesmo tempo, essa palavra ganha uma conotação política quando é utilizada para persuadir as pessoas a pensarem em seus interesses e organizá-los em prol de uma ação coletiva. Brubaker e Cooper (2001), entretanto, optam por utilizar o termo identificação no lugar da noção de identidade, que para eles estaria subsumida no clichê construtivista com múltiplas possibilidades interpretativas. Eles explicam, ainda, que a noção de identidade pode fundar-se em concepções fracas e fortes do termo, e, por isso, defendem a substituição pelo termo identificação, mais adequada quanto o objetivo é separar posturas essencialistas e abordagens mais construtivistas.

Nas trajetórias, é possível perceber esse trabalho de identificação com a etnia e de diferenciação perante a sociedade maranhense. Nota-se que esta identificação é compartilhada por um grupo solidário entre seus integrantes, com elos fortes e sentimento de pertencimento comum. É importante ter em mente, também, que a identificação de algumas dessas famílias com a etnia permite entender de que forma valores e características peculiares a alguns indivíduos passam a servir de caracterização para todo um grupo social e de que forma esses agentes trabalham para produzir símbolos de enaltecimento e reconhecimento familiar, por meio dessa aproximação com o que seria a “cultura libanesa”. Este discurso de reconhecimento é, também, exaltado nos veículos de comunicação, o que ajuda no fortalecimento desta concepção no imaginário popular.

Considerações sobre o estudo de caso dos X

José X foi secretário de Estado do Esporte e Lazer e se formou em Direito, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no ano de 1985, mas não seguiu a carreira jurídica nem a acadêmica. José X foi eleito para o parlamento estadual pela primeira vez em 1982, quando foi o mais jovem parlamentar do Brasil. Em seguida, foi eleito deputado federal constituinte e, posteriormente, voltou a ser deputado estadual até o ano de 2011. Desde jovem, ele se aproximou da literatura. É membro da Academia Maranhense de Letras. Pela dedicação de José X à atividade literária, é possível encontrar vários textos seus sobre a história de sua família, reproduzidos principalmente, em veículos



de comunicação nos quais possui ações, ou cujos donos fazem parte do seu círculo de amizade e influência.

Para compreender sua relação com a mídia, vale pontuar que, entre os anos de 1987 e 1988, José X resolveu investir na área de radiodifusão, tornando-se sócio da maior rede de comunicação do Estado do Maranhão, que pertence em parte à uma família política e cujo sócio foi amigo de colégio de José X. Percebe-se, então, claramente uma amizade instrumental. O irmão mais novo, Pedro X¹⁰, também é empresário e, segundo Ana X (mãe dos dois), atua administrando o patrimônio de José X. Como já dito, em uma família de políticos a profissão de todos acaba sendo usada em prol da afirmação política de alguns agentes. Estando o irmão disposto a usar seus conhecimentos administrativos para gerenciar as empresas de José X, este obtém tempo livre para atuar enquanto homem político, fazendo visitas, participando de reuniões, confraternizando com coligados, e, também, enquanto intelectual, produzindo filmes, livros e textos no geral. Provavelmente, tais ações seriam impossibilitadas caso ele tivesse que se voltar para administração de suas empresas.

Por causa da relação econômica e pessoal com o maior sistema de comunicação do Estado e seu proprietário, é fácil compreender o convite para integrar a lista de blogueiros hospedados no portal da empresa, o segundo mais antigo do sistema. O blog existe desde outubro de 2006 é atualizado até hoje. A análise do uso deste espaço dentro deste veículo de comunicação demonstra o quanto são mobilizadas estratégias comunicativas que fortalecem a idealização da vocação comercial e do talento econômico que, aos poucos, são convertidos para outros espaços como o político e o intelectual, por exemplo.

De forma bastante resumida, pode-se pontuar que o espaço do blog é usado por José X, inúmeras vezes, para ressaltar seus “feitos” dentro do espaço político. Um exemplo disso é o discurso de posse na Academia Maranhense de Letras, no dia 2 de outubro de 2009. Ele não apenas transcreve o seu discurso no blog, como também transcreve o discurso de outrem sobre o mesmo assunto. Também são transcritos outros discursos. Mesmo quando leva para o seu blog o discurso proferido por ele, José X sempre se refere a si em terceira pessoa. Isso permite apreender que há uma preocupação em estabelecer certo distanciamento, ainda que se saiba que se trata de um texto com o

¹⁰ Nome fictício.



interesse específico de enaltecimento pessoal. O mesmo pode ser visto nas postagens em que o político/intelectual/empresário fala a respeito da história familiar ou feitos políticos do pai. A narrativa é de celebração. No espaço do blog, também, são publicados relatos de outrem que versem sobre José X ou sua família, normalmente enaltecendo as figuras públicas ou o valor histórico da família para o Maranhão.

Em postagens de cunho histórico, é comum o resgate à identificação com origem libanesa, atrelando-a, sempre, a aspectos positivos e fortalecendo-o enquanto “naturais” da etnia. Na postagem “Vinte anos sem João X”, por exemplo, publicada no dia 7 de setembro de 2013, ele escreve: “Para quem não sabe, João X era filho de imigrantes libaneses e nasceu na cidade de Pindaré-Mirim em dezembro de 1933. Foi comerciante e político e em suas duas atividades sobressaiu-se por sua imensa criatividade e pela maneira sempre alegre e extrovertida de ser”. Em uma simples frase, ele enaltece a figura do pai, ligando a ela características como se fossem inatas àquela figura. Joaquim liga a ideia de criatividade que teria colaborado para o sucesso do pai na política à informação de que ele era imigrante libanês. Estes são apenas alguns exemplos dentre os vários que podem ser observados lendo o blog do José X. Tais postagens, aliadas à análise da trajetória dos agentes da “família X”, permitem compreender uso da mídia em favor da consolidação e transmissão familiar do poder político. Este uso aliado ao poder econômico e político fortalecem a imagem de tal família enquanto detentora de qualidades que justificam e sedimentam a sua posição enquanto elite, qualidades estas divulgadas enquanto “naturais” e não construídas a partir de um aprendizado muito próprio ainda no seio familiar.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais das Ciências**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

_____. **Estrategias de reproducción y modos de dominación**. Colección Pedagógica Universitária, enero-junio/julio-diciembre. 2002^a, p. 37-38.

_____. Os modos de dominação. In: BOURDIEU, P. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2002b.



BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick. **Beyond identity**. Theory and Society. 29, 2000.

CANEDO, Leticia Bicalho. **Estratégias familiares na produção social de uma qualificação política**. Educação & Sociedade, nº 39, agosto/1991.

GRILL, Igor Gastal. Descendentes de imigrantes na política do Rio Grande do Sul e do Maranhão: ascensão social, afirmação eleitoral e cooptação política. In: FERRETTI, S.; RAMALHO, J.R. (Orgs.). **Amazônia: desenvolvimento, meio ambiente e diversidade sociocultural**. São Luís: Edufma, 2009.

_____. Processos, condicionantes e bases sociais da Especialização política no Rio Grande do Sul e no Maranhão. **Revista Sociologia e Política**, V.16, nº 30, Curitiba, Junho 2008a.

_____. **Heranças políticas no Rio Grande do Sul**. Edufma: São Luís, 2008b.

GRILL, Igor Gastal; REIS, Eliana Tavares dos. **O que escrever quer dizer na política? Gêneros de escrita e carreiras políticas**. Trabalho apresentado na Anpocs, 2011.

LANDÉ, Carl H. A Base Diádica do Clientelismo. In: SCHIMIDT; S. W. [et al.] (eds.). Tradução para fins didáticos de **Friends, followers and factions**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1977.

REIS, Flávio. “15 anos depois”. In: REIS, Flávio. **Grupos Políticos e Estrutura Oligárquica no Maranhão**. São Luís: Unigraf, 2007.

WOLF, Eric. **Antropologia e poder**. Editora Universidade de Brasília: São Paulo, 2003.